

Síntese: O texto procura narrar o desenvolvimento institucional da Igreja católica em Santa Catarina e os desdobramentos históricos que levaram à criação da diocese de Florianópolis em 1908. Seu ponto inicial é o Padroado colonial e depois imperial (1500-1889) e, o final, a criação da Província Eclesiástica de Santa Catarina, em 1927, com a ereção das dioceses de Joinville e Lages. É uma história da instituição católica, deixando de analisar a riqueza humana da Igreja catarinense provocada pelas correntes migratórias açoriana (século XVIII) e depois alemã, italiana, polonesa, ucraniana, grega e gaúcha (séculos XIX e XX). Essa riqueza foi também acrescida pela chegada das Igrejas luterana, ucraniana ortodoxa e católica, e ortodoxa grega. Há, felizmente, extensa bibliografia que narra e estuda esses movimentos históricos. A criação da diocese de Florianópolis é consequência direta das necessidades espirituais, humanas e pastorais criadas por esses novos habitantes do solo catarinense. O trabalho é fruto da pesquisa pessoal nos Arquivos eclesiásticos do Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis, riquíssimos para se compreender e analisar a especificidade da Igreja em território catarinense. O autor espera ter conseguido oferecer um retrato dos fatos e pessoas que levaram à Bula de São Pio X que, em 19 de março de 1908, criou a diocese de Florianópolis, abrangendo todo o Estado de Santa Catarina.

Abstract: The article attempts at narrating the development of the Catholic Church as an institution in the State of Santa Catarina and its continued increase, which led to the creation of the diocese of Florianópolis in 1908. Its modest beginning starts from a colonial protectorate which was raised to imperial status (1500-1889), and finally turned into an Ecclesiastical Province of Santa Catarina in 1927, together with the dioceses of Joinville and Lages. Out of the abundance of historical data a conspectus of the Catholic Institution is being offered to the reader aside from an analysis of human resources to be found in the Church of Santa Catarina consisting in immigrant populations from Azores (18th c.) and later on German, Italian, Polish, Ukrainian, Greek and Gauchos immigrants (19th and 20th c.). The wide spectrum of cultural influence also includes traditions from the Lutheran Church as well as Ukrainian, Orthodox and Greek Orthodox. Fortunately there is an extensive bibliography available providing detailed information on historical and religious trends. The beginning of the diocese of Florianópolis is a direct result of the spiritual, human and pastoral needs manifested by these various inhabitants residing in Santa Catarina. The basic investigation into all the relevant areas is the result of private research in the Ecclesiastical archives of Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre and Florianópolis pursuing all available traces and studying all the material pertaining to the subject. The author hopes to have achieved his goal in the present publication of factual data and human portraits of influential public figures, who deserve recognition for their effort to create the diocese of Florianópolis on March 19 of 1908 extending over the entire State of Santa Catarina.

A criação da Diocese de Florianópolis em 1908

José Artulino Besen*

* O Autor, Membro do Instituto Histórico e Geográfico de SC e da Academia Catarinense de Letras, é Professor de História da Igreja no ITESC.



I A plantação da cruz

Em 3 de maio de 1493, o papa Alexandre VI, pela Bula “Inter Coetera”, concedeu a soberania sobre todas as ilhas e terras recém-descobertas à Coroa espanhola, ressaltando que a finalidade mais importante dessa concessão era “levar os habitantes daquelas terras a adorar o Nosso Redentor e a professar a fé católica”. Atendendo às reclamações de Portugal, em 1494, o Tratado de Tordesilhas, assinado pelo mesmo Papa, dividiu as terras descobertas ou a serem descobertas entre Portugal e Espanha, e proibiu viagens às Ilhas ocidentais com objetivos exclusivamente comerciais e lucrativos.

Após a perda da Europa central e setentrional para a Reforma protestante, a Igreja católica conheceu uma expansão impressionante por obra de Espanha e Portugal nas Américas central e do sul, Ásia e África. Enquanto a Espanha tinha como objetivo conquistar novos territórios, iniciando logo as missões, Portugal tinha outros objetivos: interessava-lhe mais o comércio com as Índias e as Molucas. Com seu um milhão e meio de habitantes, não tinha condições de ocupar territórios imensos como a Índia, limitando-se assim a implantar filiais e fortalezas ao longo da costa e firmando alianças com os detentores do poder local.

Foi concedido aos reis de Espanha e Portugal o direito de **Padroado**: toda a preocupação com a evangelização e administração eclesial passaram a ser direito e dever dos soberanos. Criação de dioceses, apresentação de candidatos ao episcopado, fundação de seminários e nomeação de seus professores, criação de paróquias e provisão de párocos, tudo sai do domínio eclesiástico para entrar na esfera do Estado, que corre com as despesas, é verdade, mas detém o direito de recolher os Dízimos. As conseqüências para a liberdade da Igreja foram danosas.

Em 1500, quando o Brasil foi conquistado por Portugal, ficou sob o governo da Vigararia de Tomar, sede da Ordem de Cristo. Esta Vigararia foi suprimida e, a 12 de junho de 1514, foi criada a Diocese de Funchal, na Ilha da Madeira. Permaneceu o Brasil sujeito a essa Diocese (Arquidiocese em 1533) até 25 de agosto de 1536, retornando ao Governo da recriada Vigararia de Tomar, não mais sede da Ordem de Cristo.

O Rei de Portugal incorporou a Ordem de Cristo¹ à Coroa Portuguesa e, oficialmente, a 30 de dezembro de 1551, o Papa Júlio III entre-

¹ A Ordem de Cristo foi constituída com o espólio das Ordens Cavalheirescas, especialmente a dos Templários. Essa última, vítima da intriga e da cobiça das nascentes monarquias européias, teve o patrimônio tomado pelos reis e muitos de seus membros sofreram a tortura e o martírio.



gava à Ordem de Cristo – o que significa, ao Rei de Portugal – todas as terras portuguesas. Um pouco antes, o Rei Dom João III tinha solicitado ao Papa a criação de uma Diocese em terras brasileiras.

O pedido do Rei foi aceito pelo mesmo Papa Júlio III em 25 de fevereiro de 1551: criava-se a primeira diocese brasileira de São Salvador da Bahia, com um território muito vasto, abrangendo todo o país. O primeiro bispo foi Dom Pero Fernandes Sardinha (1496-1556), Doutor em Cânones, que aqui chegou em junho do ano seguinte. Mas, não se deu bem: não entendeu a situação, entrou em conflito com os missionários jesuítas por contrariar sua metodologia catequética de inculturação, não gostava dos índios e acabou dirigindo-se a Portugal a fim de apresentar queixas ao Rei. Na viagem de volta, o navio naufragou e D. Pero e outros passageiros conseguiram alcançar a praia, onde foram trucidados pelos indígenas Caeté em 16 de julho de 1556.

O território era grande demais para um bispo só. Por isso, a pedido do Infante Dom Henrique, o Papa Gregório XIII criou a Prelazia de São Sebastião do Rio de Janeiro em 19 de Julho de 1575. Prelazia é um território administrado por um bispo ou presbítero, mas sem a organização de uma diocese. É como que uma diocese em preparação. A prelazia do Rio de Janeiro administrava todo o Sul do Brasil. Foi elevada a Diocese em 22 de novembro de 1676.

A vida religiosa no território paulista, catarinense e gaúcho ficava muito distante da atenção episcopal. O bispo do Rio de Janeiro não conseguia ver as coisas “in loco”. Mandava um *Visitador Apostólico* para crismas e visitas canônicas.

A primeira Visita Pastoral propriamente dita à Província de Santa Catarina foi em 1815, a segunda em 1845 e a terceira, em 1895!

A diocese de São Paulo foi criada pelo rei de Portugal Dom João V em 22 de abril de 1745 e confirmada pelo papa Bento XIV em 5 de dezembro do mesmo ano. Seu território compreendia São Paulo (incluindo o Paraná), Santa Catarina, Rio Grande de São Pedro e Colônia Sacramento (Uruguai).

Em 20 de novembro de 1749 o território do litoral catarinense até a Colônia Sacramento foi novamente unido ao bispado do Rio de Janeiro. Permaneceu com São Paulo o Planalto meridional do Brasil. A vida religiosa do planalto catarinense ganhou vida com a criação da Vila de Nossa Senhora da Conceição dos Prazeres das Lagens em 30 de



julho de 1767, incorporada a São Paulo. A região do Planalto por mais tempo dependeu de São Paulo, pois Lages foi fundação bandeirante e era caminho entre Sorocaba e os campos de Viamão.

II Visitação do Pe. Bento Cortes de Toledo

Para acompanhar, vigiar e corrigir a vida católica no sul do Brasil, o bispo do Rio de Janeiro mais vezes enviou Visitadores Apostólicos, que mais tarde redigiam preciosos relatórios sobre a situação religiosa. O século XVIII se encerra com a visita do Pe. Bento Cortes de Toledo², em 1799³. Devemos a essa Visitação um retrato da organização da Igreja no território catarinense, seus habitantes e presbíteros.

A – Relatório da Ilha de Santa Catarina

Freguesia de Nossa Senhora do Desterro

Tem 4.236 almas de confissão e comunhão, com 880 fogos.

Padres

Pe. Francisco das Chagas, natural deste bispado, ordenado há 18 anos, idade 43. Vigário do Desterro e da Vara.

Pe. Francisco José Ramos, natural do bispado, ordenado há 5 anos, idade 28 anos, ocupado em ensinar gramática..

Pe. Joaquim de Sant'Anna Campos, natural do bispado, ordenado há 8 anos, 37 anos de idade. Coadjutor.

Pe. Francisco Silveira Dutra, natural da Ilha do Faial, ordenado neste bispado há 4 anos, 44 anos de idade. Capelão das Tropas.

Pe. Tomás Francisco da Costa – natural do bispado, ordenado há 15 anos, 42 anos de idade. Serve de Comissário da Ordem Terceira.

Pe. Joaquim Manoel Xavier de Matos, natural de São Paulo, ordenado no arcebispado da Bahia há 23 anos, 58 anos de idade.

² O Pe. Bento foi batizado em Taubaté em 26 de novembro de 1747. Era irmão do inconfidente Pe. Carlos Correa de Toledo e Melo. Foi ordenado presbítero em Mariana em 1778. De 1803 a 1833 exerceu o ministério em Taubaté.

³ Visita feita pelo Pe. Bento Cortes de Toledo em 1799, a mandado do Sr. Bispo do Rio de Janeiro. Fotocópia, em nosso arquivo, de livro existente na Cúria de Porto Alegre, RS.



Pe. José Ignácio de Souza Pereira, natural deste bispado, ordenado há 14 anos, 40 anos de idade. Secretário da Visita.

Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades

Tem 2.392 almas de confissão e comunhão, com 453 fogos.

Padres

Pe. Lourenço Rodrigues de Andrade, natural da Ilha de SC, ordenado no bispado há 8 anos, tem 33 anos de idade. Vigário colado.

Pe. Manoel José Furtado de Mendonça, natural da freguesia de N. Sra. Das Necessidades, ordenado no bispado há 8 anos, tem 32 anos de idade.

Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa

Tem 1.759 almas de confissão e comunhão, com 351 fogos.

Padre

Pe. Joaquim José Jaques Nicós, natural da Ilha de SC, ordenado no bispado há 16 anos, tem 45 anos de idade. Vigário.

B – Relatório do Continente

Nossa Senhora da Graça do Rio São Francisco

Tem 3.731 almas de confissão e comunhão, com 820 fogos.

Padres

Pe. Bento Gonçalves Cordeiro, natural de Paranaguá, ordenado neste bispado há 35 anos, 59 anos de idade. Vigário da vara e da freguesia.

Pe. Bento Barbosa de Sá Freire, ordenado neste bispado há 8 anos, com 35 anos de idade.

Pe. Lourenço Manoel da Silveira, natural da Vila de São Francisco, ordenado neste bispado há 3 anos, 29 anos de idade. Vive aleijado pelas moléstias.

Freguesia de São Miguel

Tem 2.513 almas de confissão e comunhão, com 476 fogos.

Padres

Pe. José Dias de Siqueira, natural do Rio de São Francisco, ordenado neste bispado há 12 anos, tem 32 anos de idade. Vigário colado de São Miguel.



Pe. Antônio José Miz – natural do arcebispado de Braga onde se ordenou, 49 anos de idade. Empregado na Capelania da Armação da Piedade.

Freguesia de São José da Terra Firme

Tem 1.829 almas de confissão de comunhão, com 417 fogos.

Padre

Pe. Manoel de Souza Menezes, natural da Ilha Terceira, ordenado no bispado de Angra há 50 anos, tem 73 anos de idade. Está inabilitado tanto pela idade como pelo mau comportamento. Vigário.

Freguesia de Nossa Senhora do Rosário da Enseada de Brito

Tem 1.021 almas de confissão e comunhão, com 208 fogos.

Padre

Pe. Frutuoso José da Cunha, natural da freguesia de São Miguel, ordenado neste bispado há dois anos, tem 25 anos de idade. Vigário encomendado.

Freguesia de Santa Ana de Vila Nova

Padres

Pe. Manoel Fernandes Cruz, natural de São Paulo. Era vigário.

Pe. Luiz Correia de Mello, natural da Ilha de SC, ordenado neste bispado há 8 anos, tem 30 anos de idade. Nomeado vigário na Visita.

Freguesia de Santo Antônio dos Anjos da Laguna

Tem 2.880 almas de confissão e comunhão, com 642 fogos.

Padres

Pe. Francisco de Souza Francisco, natural do Rio de Janeiro, ordenado no bispado há 3 anos, tem 27 anos de idade. Vigário colado.

Pe. João Francisco Viana, natural da cidade do Porto, ordenado no bispado de Mariana, tem 50 anos de idade.

Segundo essa Visitação, a Igreja catarinense entra no século XIX com 9 freguesias, 20.361 almas de confissão e comunhão, 4.247 fogos e 21 presbíteros.



A Diocese do Rio Grande de São Pedro

Parece que o Pe. Bento Toledo, em sua Visitação, tenha exercido de modo exagerado seu direito de cobrar taxas e angariar esmolas. E, pessoas de reta intenção, percebiam os inconvenientes de um território tão grande, o Sul, depender do distante Rio de Janeiro. A distância facilitava a vinda de aventureiros, quer padres quer religiosos, com documentos falsos, para sugar o bolso de uma população já pobre.

Muito indicativa é a Representação feita logo em seguida pelo ex-governador da Capitania do Rio Grande de São Pedro do Sul, dirigida ao Rei de Portugal, narrando a situação calamitosa, acusando o Visitador e sugerindo a criação de um novo bispado ou, ao menos, a nomeação de um bispo titular. Pelo interesse que o documento desperta, dele transcrevemos alguns trechos⁴:

“Eu já por via do Ex.mo secretario de estado D. Rodrigo de Souza Coutinho informei a Vossa Alteza Real do actual estado em que esta capitania se achava, pelo que toca á religião, e agora o torno a fazer de novo directamente a Vossa Alteza, representando-lhe que a este continente do Rio Grande de S. Pedro do Sul e departamento da ilha de Santa Catharina, distando do bispado do Rio de Janeiro dez grãos do mar largo e tormentoso, metendo-se ainda de permeio o bispado de S. Paulo, não podem de forma alguma aqui chegar os cuidados episcopaes em toda a sua devida inteireza, e por isso o clero aqui posto em summo descuido da practica do seu ministerio, e os povos sem terem quem os instrua n’aquelles principios religiosos pelos quaes se aprende que obedecer e amar os principes é não só uma obrigação de justiça, mas sim um dever de consciencia, vão pouco a pouco afrouxando d’aquelles sentimentos tão essenciaes, e únicos, que portanto podem fazer bons christãos como fieis vassallos,

O methodo pois que eu proponho a Vossa Alteza Real para com os seus providentes e religiosos cuidados atalhar a estes e outros semelhantes inconvenientes é separar este continente do Rio Grande de S. Pedro do Sul e ilha de Santa Catharina da jurisdição episcopal do bispado do Rio de Janeiro, nomeando para aqui um vigário geral ou bispo, que com jurisdição privativa pastoreie este clero e estes povos: a separação

⁴ REPRESENTAÇÃO feita em 24 de Agosto de 1801 por Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara, ex-governador da capitania do Rio Grande de S. Pedro do Sul, sobre a necessidade de separar aquelle territorio, como também o da ilha de Santa Catharina, da jurisdição do bispado do Rio de Janeiro (RIHGB, 16: 347-350, 1853, Rio de Janeiro). Ortografia original.



já quase por natureza se acha feita e demarcada, contando desde os últimos limites do bispado de S. Paulo, que confinam ao norte da ilha de Santa Catharina e Rio de S. Francisco até á extremadura que separa este continente dos territórios de Hespanha”.

Prossegue Sebastião da Veiga Cabral da Câmara pedindo a nomeação de um vigário geral ou bispo titular para região. Três anos depois, em 10 de abril de 1804, chega a resposta, pedindo diligências e conselhos⁵: *D. João, por graça de Deus, príncipe regente de Portugal e dos Algarves, d’aquem e d’alem mar em África, de Guiné, etc., e do mestrado, cavallaria e ordem de Nosso Senhor Jesus Christo* manda que o vice-rei do Brasil estude o pleito e tome a decisão. O vice-rei D. Fernando José de Portugal julga por bem consultar o vigário Pe. Francisco Gomes Villasboas, vigário capitular por morte do bispo do Rio de Janeiro, cuja resposta é datada de 12 de julho de 1805. Este sugere que enviar vigário geral ou bispo titular não resolve, pois não terão poder de agir contra os maus exemplos, pois “só tem jurisdição *in habitu*, e não *in actu*”, como titular não tendo ovelhas. E conclui: “É verdade ser fácil, querendo o soberano juntamente com o papa darem território e ovelhas, porém então já não é bispo titular”.

Seu conselho é pela criação do bispado.

Com relação aos escândalos citados na carta, o Vigário Capitular Pe. Francisco Gomes Villasboas tenta explicar as acusações ao Pe. Bento Cortez de Toledo, Visitador citado como aproveitador. Bento Cortez de Toledo era padre do bispado de São Paulo e veio ao Rio visitar um religioso franciscano irmão seu, Frei Antônio de Santa Úrsula Rodovalho. Causou tão boa impressão que vagando o cargo de vice-reitor do seminário, para ele foi nomeado. E assim, em 5 de novembro de 1798 foi nomeado Visitador do Sul do Continente. Após a visitação entregou os livros no Rio e retornou ao bispado de São Paulo. Que culpa há se ele enganou tão bem o soberano? Procura defender os Visitadores lembrando a saudosa figura de um deles, o ilhéu Pe. Agostinho José Mendes dos Reis⁶, exemplo de sacerdote. Com relação ao escrivão da

⁵ Idem, ib.

⁶ Pe. Agostinho José Mendes dos Reis deu nome ao bairro José Mendes, na Ilha de Santa Catarina, onde nasceu. Era filho do português licenciado José Mendes dos Reis e Maria de Jesus. Licenciado e tonsurado em 1765. Orador sacro e erudito, exerceu o ministério no Desterro e Laguna. Quatro vezes Visitador da Comarca da Ilha de Santa Catarina e do Sul do Continente.



visita, também denunciado por desmandos, o Pe. José Ignácio, não tem informação a dar.

Mas, com relação aos frades pedintes que andam pelo sul, sua palavra é dura e clara:

“Parece-me porém muito justa e digna de providencia a queixa respectivamente a frades que vão áquelle continente com o pretexto de tirar esmolos, e debaixo da mesma capa tiram muito dinheiro, negociam, e se appropriam de bens contra os seus institutos; e é muito necessario que o nosso soberano fizesse expedir ordens para serem de todo expulsos, não só d’aquelle continente, mas de toda a América, á excepção d’aquelles que são conventuaes, e tem conventos n’ella, pelos grandes escândalos e desordens que causam em toda a parte onde se acham, de forma que n’esta mesma cidade, á testa de V. Ex..a e do prelado, sem temor de Deus, se atrevem a commeter tão extraordinarios excessos, que só por homens os mais dissolutos se podem praticar: uns andando toda a noite vestidos de secular acompanhando mulheres dissolutas por botequins e casas de pasto, procurando entrar nas honestas, deitando a perder as donzellas, celebrando muitas vezes depois de comerem e beberem depois da meia noite, enganando os rusticos para lhes fiarem fazendas, que depois convertem o seu producto em usos proprios, fraudando aos credores, sem se lhes dar das excomunhões em que por estes títulos, e da apostazia em que incorrem...”

O Vigário Capitular explica acontecer que, morrendo um vigário e não tendo outro padre secular para nomear, surgem frades com cartas de recomendação que são nomeados interinamente e que depois se revelam embusteiros. Recorda Frei José de Santo Avertano: chegou ao bispado com carta de licença falsa e foi nomeado para a ilha de Santa Catarina, para posterior escândalo dos fiéis. Logo depois o prior do convento de Santa Teresa da Bahia o enviou ao Rio, rogando “mandasse prender por apóstata, e estar já declarado por excommungado”⁷.

A solução foi encontrada anos depois, em abril de 1824, com a criação do **Arciprestado de Santa Catarina** por Dom José Caetano da Silva Coutinho, cargo supresso em 11 de fevereiro de 1895. A dignidade de Arcipreste na hierarquia católica portuguesa foi fruto do Alvará Régio de 25 de agosto de 1808.

⁷ Frei José de Santo (ou Souza) Avertano reaparece em 1804-1805, numa breve estadia como vigário de Santana de Vila Nova.



O Arcipreste tinha poderes extraordinários de governo: podia nomear vigários, dar dispensas, resolver problemas que requereriam muito tempo, caso fosse esperar por uma resposta do Rio de Janeiro.

O primeiro Arcipreste foi o Vigário da Vara da Ilha de SC, Pe. Joaquim de Sant'Ana Campos, nomeado em 2 de abril de 1824. Outro, reconhecido pelas qualidades literárias, o Arcipreste Joaquim Gomes d'Oliveira e Paiva (1863-1869).

O último Arcipreste foi o Pe. Sebastião Antônio Martins, santo e humilde vigário do Desterro, que exerceu o cargo de 1869 a 1890.

Devido à submissão da Igreja ao Estado, a ação dos Arciprestes não produziu os resultados esperados.

Em 7 de maio de 1848, pela Bula *Ad Oves Dominicas*, o Papa Pio IX erigiu a Diocese de São Pedro do Rio Grande, desmembrada do Rio de Janeiro. Santa Catarina continuou pertencendo à diocese do Rio de Janeiro.

III Visitas Pastorais no Império

Em 1815 houve a *primeira Visita Pastoral ao território catarinense*: Dom José Caetano da Silva Coutinho (1767-1833) de julho a setembro visitou as comarcas de Santa Catarina (a de São Francisco com uma freguesia, a da Ilha de SC com 6 freguesias, e a da Laguna com 2 freguesias). Continuavam as mesmas nove freguesias de 1799. De setembro de 1815 a janeiro de 1816, Dom José Caetano visitou o Rio Grande de São Pedro.

Em 1845 foi realizada a *segunda Visita Pastoral* por Dom Manoel do Monte Rodrigues de Araújo, Bispo-Conde de Irajá (1796-1863), que acompanhou a viagem de Dom Pedro II, restringindo-se à Ilha de SC e continente fronteiriço. Durou de 13 de outubro a 8 de novembro. Nessa visita, enquanto Dona Leopoldina tratava seus reumatismos com banhos curativos nas Caldas de Santo Amaro do Cubatão, sua Majestade Dom Pedro II presenteava com sinos diversas freguesias.

Houve evolução do quadro organizacional da Igreja catarinense: o número de freguesias cresce positivamente, em grande parte motivado pelas correntes migratórias européias que fundam novas e promissoras colônias, como São Pedro de Alcântara Joinville, Blumenau, Brusque.



Em 1836 são 16 freguesias, 3 sem vigário; em 1849 são 21 freguesias. Em 1862 são 36 freguesias, 12 com vigários colados, 13 com vigários encomendados e 11 vagas.

Em seu Relatório de 1899, o bispo de Curitiba enumera 38 freguesias para SC.

IV A Diocese de Curitiba

Com a Proclamação da República (1889) e o fim do Padroado (separação entre Igreja e Estado em 1890), os Bispos brasileiros viram que era urgente a criação de novas Dioceses. Em 1890, pediram ao Papa Leão XIII a criação da Diocese de Curitiba.

Assim, em 27 de abril de 1892, Leão XIII criava a Diocese de Curitiba, com o território do Paraná, desmembrado do Bispado de São Paulo, e o de Santa Catarina, desmembrado do Bispado do Rio de Janeiro, agora elevado a Arcebispado.

O primeiro Bispo foi Dom José de Camargo Barros (1856-1908), que tomou posse em 30 de setembro de 1894. Um grande Bispo.

Na nova diocese estava quase tudo por ser feito. Recebeu doação de terreno de um colono polonês para a construção de um convento Capuchinho com a finalidade de se dedicarem às missões. Chamou padres estrangeiros (alemão, italiano e polonês) para atender os migrantes de Curitiba com escolas e catequese. Por toda parte os Franciscanos criaram o “Pão de Santo Antônio”.

Ainda não tinha a Cúria episcopal, nem Vigário Geral, nem Procurador: faltavam padres. Em vista da pobreza geral, não estabeleceu nenhuma taxa curial para as dispensas, nem as coletas pela Sé Apostólica e pelo Pio Latino de Roma.

Já em 1895 visitava as Paróquias do nosso Estado, vendo a situação de penúria e desorganização em que se encontravam. Com pulso firme e caridoso procurou reorganizar a vida religiosa. Sua grande preocupação foi a criação de Escolas Paroquiais, que se multiplicaram rapidamente em todo o Estado. Eram Escolas Católicas, financiadas pelos próprios fiéis, que construíam o edifício e pagavam o professor. Garantia-se, assim, a educação religiosa das crianças, pois a República tinha suprimido o ensino religioso das escolas oficiais.



Dom José também enfrentou o desafio de organizar a vida religiosa dos imigrantes alemães, italianos, ucranianos e poloneses, que esqueciam estarem no Brasil. Seu sucessor, Dom Duarte Leopoldo e Silva, teve o mesmo trabalho. Obrigou os padres estrangeiros a aprenderem o português. Também procurou sistematizar os “padres casados”, que não eram raros: a melhor solução que encontrou foi aposentá-los com uma pensão paga pela Diocese. Grande amigo e conselheiro nesse trabalho inicial, em Florianópolis, foi o Pe. Francisco Topp, de Münster, o verdadeiro organizador da Igreja catarinense. Sobre ele falaremos mais tarde. Ficava ainda o problema: a Diocese era imensa. Era urgente a criação da Diocese de Florianópolis. A idéia, aliás, não era nova: tanto em 1801 como em 1819 falava-se no assunto. Mas, ficou em projetos.

Em sua primeira Visita Pastoral, de maio de 1895 a dezembro de 1898, percorreu 6 mil quilômetros. Crismou 75.398 pessoas, e os missionários que o acompanhavam, Pe Francisco Topp e Pe. João Maria Cybeo, SJ, 14.488. No total da Visita, 89.886 crismas.

Onde pôde, Dom José criou Centros do Apostolado da Oração, Congregações Marianas e de Filhas de Maria, Sociedade de São Vicente de Paulo e a Instituição da Adoração ao Santíssimo.

Preparando a *Visita ad Limina* a Roma, onde também participaria do Concílio Plenário latino-americano convocado por Leão XIII e que reuniu os bispos do Continente, apresentou um **RELATÓRIO À SANTA SÉ**, assinado em 10 de abril de 1899, tendo a Visita início em Roma no dia 21 de junho⁸. Salta às vistas a situação precária da Igreja paranaense e a vitalidade da Igreja catarinense.

A Diocese tem superfície de 296.000 km²., dos quais 220.000 do Paraná⁹, com 600.000 habitantes. São 68 as paróquias: 30 no Paraná e 38 em Santa Catarina; 33 com pároco próprio, que atendem individualmente a diversas paróquias, sem coadjutores. A Diocese é realmente pobre: sem capital, sem rendas, por isso sem Capítulo de Cônegos, nem

⁸ **Relatório apresentado à Santa Sé.** Texto manuscrito em latim guardado no Arquivo Eclesiástico de Curitiba. Como fizemos com a REPRESENTAÇÃO de 1801, retratando a Igreja catarinense no início do século XIX, fazemos o mesmo para o início do século XX, compilando os dados principais do Relatório de Dom José.

⁹ A área catarinense é menor devido à Questão do Contestado entre o Paraná e Santa Catarina, resolvida em 1916 com ganho de causa para o Estado catarinense, que incluiu em sua área mais de 20.000 km².



Fábrica, nem administração. O patrimônio das paróquias foi ocupado ou por particulares ou pelas administrações municipais.

Quanto aos *Conventos*: são 3 as Casas religiosas: de Franciscanos em Blumenau, Monges de São Basílio Magno-OSBM em Prudentópolis e Padres Jesuítas em Nova Trento. Os Franciscanos administram Blumenau, Lages, Campos Novos, Gaspar, Curitibaanos. Os OSBM se dedicam aos fiéis ucranianos greco-rutenos, uns 50 mil em diversas colônias. Em Nova Trento residem 3 Jesuítas..Ainda quanto aos religiosos: 2 padres da Congregação de São Carlos atendem os colonos italianos no Paraná e dois padres Verbitas residem em Curitiba. No total, são 34 os religiosos.

O *Seminário São José* é dirigido pelos Padres da Missão, Lazaristas, e recebe alunos tanto para o sacerdócio como para a carreira civil. Foi inaugurado em 19 de março de 1896 com 39 alunos. Em 1899 tem 14 alunos, dos quais 7 seminaristas. Motivo da queda no número: o preço das mensalidades, alto para a pobreza geral! O Governo nada ajuda, alegando a separação Igreja-Estado. Há 2 hospitais em Curitiba, 1 em Paranaguá, 1 em Antonina; em Santa Catarina, no Desterro, em Laguna e em Blumenau, administrados pelas Irmãs da Divina Providência; em Curitiba, as Irmãs de São José, chegadas em 1896..Poucas as Irmandades e em decadência: as cidades são pobres e grassa o espiritismo.

A situação do Clero: há na diocese 53 padres diocesanos, dos quais sete brasileiros. Os outros são alemães, italianos, portugueses, poloneses, belgas, franceses, dos quais muitos são egressos de Congregações. Apesar de tão poucos, entre eles não poucos são alcoólatras, concubinários, alguns até criminosos¹⁰. *Horrendum sane!*, grita o bispo. Pouco a pouco os padres estão se vestindo com batina.

Quanto à vida religiosa feminina: há as Irmãs de São José (francesas) que administram os hospitais de Curitiba e de Paranaguá e as Irmãs da Divina Providência que têm uma escola para meninas em Desterro, e administram os Hospitais de Desterro, Blumenau e Tubarão. Também as Irmãs dos Santos Anjos, francesas, que administram uma escola gratuita com internato, para 50 meninas. Há em Nova Trento o início de uma Congregação que se dedica à catequese de meninas e a hospitais. São 20 Irmãs, sob a direção da Companhia de Jesus¹¹. No total, são 62 Irmãs: 29 no Paraná e 33 em Santa Catarina.

¹⁰ Dom José tem em mente padres envolvidos em negócios de contrabando de madeira, brigas de terra e bebedeiras.

¹¹ São as Irmãs da Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, fundada em Vigolo por Santa Paulina.



Dom José de Camargo Barros julga o povo muito bom, religioso, mas abandonado pela Igreja. Cresce a superstição e em algumas paróquias o espiritismo progride, bem como a “peste” maçônica. Tanto em Curitiba como em outras paróquias o protestantismo e o espiritismo já derramaram sua luz pestífera. Há dois colégios protestantes e Lojas maçônicas em duas cidades. Grande remédio tem sido o Apostolado da Oração, com 12 centros no Paraná. Há milhares de indígenas com os nomes de Coroados, Botocudos e Guarani, “todos pagãos e criminosos”. Dom José conclui esperando aprender mais em Roma, no Concílio Plenário convocado por Leão XIII, e do qual participou.

V As iniciativas dos Bispos de Curitiba em favor da criação da Diocese

O olhar sábio e zeloso do bom pastor que foi Dom José percebeu a necessidade da criação de um bispado em Santa Catarina. Em abril de 1900 escreveu carta a Pe. Francisco Topp, vigário do Desterro, sobre a criação da Diocese e pediu que fosse publicada¹². Dom Duarte fez a mesma coisa, apenas chegado a Curitiba. A sensibilidade catarinense ao tema era muito grande, razão de intrigas permanentes. O povo catarinense guardava mágoa por ter sido preterido em favor do Paraná.

Um exemplo dessa sensibilidade: era coadjutor do Pe. Topp o Pe. Heriberto Göttesdorfer, que Dom José transferira para Lapa no Paraná em janeiro de 1901, pois Lapa estava há oito meses sem padre. O povo passou a fofocar que o Bispo fizera isso por se opor à criação da Diocese! Respondeu Dom José ao Pe. Topp: “...isso é uma coisa tão ridícula, que não pode vir à cabeça das pessoas sensatas e V. Revma não só deve concordar com isso, mas terá o dever de defender-me se alguém ousar dizer isso a V. Revma. Pois não são numerosas as provas públicas e particulares que tenho dado do desejo que se forme aí quanto antes uma nova Diocese? Não fui eu quem falou primeiro a este respeito com V. Revma e com o Dr. Hercílio? Não autorizei por um documento, ao qual eu mesmo dei a maior publicidade, a V. Revma. a angariar donativos para o patrimônio da nova Diocese? Não. Não tem razão de não proceder esta argumentação. Que venha. E que venha quanto antes a nova Diocese de

¹² As Cartas citadas estão no Arquivo Eclesiástico de Curitiba – **Copiador episcopal**. De cada carta há uma cópia escrita a mão.



Santa Catarina. E também logo em seguida o seu novo e dedicado Bispo. São os meus votos”¹³.

Mas, voltemos no tempo. O primeiro passo oficial foi dado pelo mesmo Dom José de Camargo Barros. Em 28 de fevereiro de 1900, escrevia ao Pe. Francisco Topp, Vigário de Florianópolis (atual Catedral), para que desse os primeiros passos, começando a organizar o patrimônio, exigência muito salientada pela Santa Sé. Nomeou a *Comissão Organizadora*: Hercílio Pedro da Luz, José Roberto Viana Guillon, Germano Wendhausen e Virgílio Vilella, pessoas de alto prestígio social e político, como era costume naquele tempo. O povo não tinha tanto poder de impressionar...

A Santa Sé era rigorosa na exigência de um patrimônio mínimo para criar novas dioceses: residência, seminário, sustento garantido. Pe. Topp assumiu o trabalho. Visitou todas as paróquias do Estado, quase de casa em casa, pedindo esmolas. Precisava de um patrimônio de 100 contos de réis, uma fábula. A pobreza dos catarinenses dificilmente poderia preencher este pré-requisito do Vaticano. A Comissão não desanimava e os padres catarinenses, com o povo, não mediram esforços.

A imprensa de Florianópolis também se movimenta. O Jornal A VERDADE transcreve carta empenhativa publicada em O ESTADO.

«Sr. Redactor d’«O Estado»: Como é sabido, a primeira ideia do projecto da criação da diocese abrangendo os dois Estados de S. Catharina e Paraná, era que a séde do. Bispado fosse nesta nossa capital.

Mas o Paraná, compreendendo a importancia que lhe adviria, se alcançasse obter para Corityba a residencia do Bispo, envidou todos os esforços para nos tirar esta vantagem, o que facilmente conseguiu por causa da nossa desidia. A este fim, os Paranaenses trataram de apromptar com brevidade a cathedral e a casa de residência do futuro Bispo, e o congresso estadual concedeu uma loteria em beneficio do seminario, ao passo que nós, catharinenses, indifferentes e apathicos pelo patriotico ideal, nada emprehendemos para fazer jus á preferencia que nos era dada. Por este motivo o Santo Padre Leão XIII creou o bispado de Corityba e nós ficamos dependentes de nossos vizinhos no que respeita o governo espiritual. Longe de nós o menor vislumbre de queixa ou azedume, por terem elles, guiados de seu previdente amor patrio, e aproveitando-se de nossa inactividade, sabido alcançar para seu Estado a vantagem que

¹³ Carta de Dom José ao Pe. Topp em [fevereiro?] de 1901.



nos era destinada. O que elles fizeram em seu proveito naquelle tempo, podemol-o fazer nós agora para o nosso Estado, pois a criação de nossa diocese depende de nós unicamente. Que a nossa antiga indiferença nos não torne a fazer perder, em proveito alheio, o que já poderíamos ter desde oito annos com incalculavel vantagem e honra do nosso Estado! A unica difficuldade que nos resta vencer é a formação do patrimonio necessario para a congrua sustentação do futuro Bispo e das instituições indispensaveis a um Bispado”¹⁴.

O autor da carta se refere à pobreza de caixa do Estado e a um certo republicanismo, mas pondera que os Conselhos municipais de Minas Gerais contribuíram para a criação da diocese de Uberaba (a ser criada em 1907), e cujo primeiro bispo foi o catarinense Dom Eduardo Duarte e Silva e que o Congresso de Alagoas tinha autorizado a despesa de 100 contos para o patrimônio de seu bispado de Maceió (1900). O missivista sugere que cada uma das 300 mil almas catarinenses (em 1903) doasse alguns réis e logo se teria uma bela quantia. Refere que, para a finalidade, já há 10 contos de réis de arrecadação, dois prédios no valor mínimo de 25 contos, e mais as esmolas que o bispo recebe e vai repassando.

A VERDADE, na mesma data, publica outra carta de O ESTADO, onde um missivista se refere a duas vantagens do Bispado: a vantagem material e a intelectual. *Vantagem material*: “Está visto que os rendimentos do patrimonio do Bispado serão gastos nesta cidade e assim reverterá ao commercio e ao povo o que o povo despendeu para a criação da sua diocese. Uma repartição qualquer traz sempre comsigo uma utilidade material para o lugar onde existe e pelos empregados que, pouco ou muito, sempre despendem, e pelas pessoas que, para tratar de seus interesses, a procuram. Assim o bispado trará para esta capital a repartição geral dos negocios ecclesiasticos de todo o Estado: terá seus empregados e aqui convergirão os que tiverem interesses a tratar na camara episcopal”. Ilustra também que as festas que serão mais concorridas com a presença do Bispo e os Pontificais solenes atrairão os fiéis dos arrabaldes. Tudo aquecerá o comércio...

Vantagem intelectual: “Além disso, o bispado não pode dispensar do seminário, isto é, de um instituto de instrucção abrangendo todos os estudos desde os preparatorios até os theologicos, e nelle, mesmo aquelles

¹⁴ Carta transcrita de O ESTADO, em A VERDADE, Florianópolis, 21 de junho de 1903. O Jornal tinha como redatores o Pe. Manfredo Leite e o Pe. Francisco Topp. Recorte conservado no Arquivo Histórico-ecclesiástico de SC. Texto com a grafia original.



que não aspiram ao sacerdocio terão oportunidade de fazer seus estudos preparatorios sem sahir da familia, com despeza ao alcance das mais modestas fortunas. E quando elles não possam prosseguir mais adiante, só com os preparatorios, terão já diante de si muitos empregos, onde poderão ganhar sua vida honradamente, numa posição social que, sem a existencia do seminario, ser-lhes-ia impossivel esperar. Os pais de familia do interior do Estado que desejarem a seus filhos uma solida e aprimorada educação, terão no internato do seminario onde os collocar, sem receio pelo lado moral, tão seguros como se os tivessem junto de si sob suas proprias vistas. Enfim parece-me que o seminario diocesano tornar-se-á para Santa Catharina o que foi o antigo collegio dos Jesuitas¹⁵, donde sahiram tantos moços distinctos, hoje honra de sua terra natal.

Por isso não resta duvida que o projecto da criação de nosso bispado é de tal importancia a encontrar as sympathias e o apoio não somente por parte dos catholicos convictos, mas por parte tambem daquelles que embora não deem o devido apreço á religião, contudo amam deveras e se empenham pelo progresso material do nosso Estado”¹⁶.

Dom José é sucedido em 1904 por Dom Duarte Leopoldo e Silva, que se põe igualmente ao lado dos catarinenses. Há até gentilezas da parte do Governo catarinense, que muito o sensibilizam. O Dr. Vidal Ramos enviou a Curitiba seu Oficial de Gabinete para felicitar e saudar a Dom Duarte, que lhe responde: “... Procurarei corresponder a tantas provas de simpatia, pondo à disposição de V. Excia e do povo catarinense todo o meu concurso para uma aspiração tão justa qual é a criação do Bispado de SC”¹⁷.

Pe. Francisco Topp é a alma de todo o trabalho. Esse grande padre tinha a estima do povo, do governo, do clero em geral e das religiosas. Recebe carta de Dom Duarte, que pede informações e estimula ainda mais a arrecadação: “Rogo-lhe o obséquio de informar-me, por Officio, o resultado de seus trabalhos para a criação da projetada Diocese de Santa Catarina. Neste Officio V. Revma deverá relatar-me a importância já recolhida para o Patrimônio e em que mãos está depositada” *Alea jacta est*. Portanto, é necessário que V. Revma prossiga com zelo e ardor, apressando o quanto possível o almejado dia. Se lhe parecesse

¹⁵ O missivista se refere ao Colégio São Salvador, fechado em 1871. O atual Colégio Catarinense é de 1905.

¹⁶ Idem, ut supra.

¹⁷ Dom Duarte escreve a Vidal Ramos em 15 de outubro de 1904.



conveniente, poderia V. Revma advogar na Imprensa a causa por que se tem batido, na certeza de que eu estarei do seu lado para ajudá-lo no que em mim estiver. Promova V. Revma leilões, festas, sobretudo muito piedosas, por ocasião do Jubileu. É este um tempo de graças para os fiéis e principalmente para os padres”¹⁸. A resposta segue, detalhando o trabalho já realizado:

Entradas

Dinheiro recebido pe. Pe. Topp em diversas vezes e datas:	8:642.380
Juros da Hipoteca de Dona. Dorvalina	125.000
Juros da Hipoteca de Trajano Leite	900.000
Juros em Caderneta na Caixa Econômica	209.155
TOTAL	9:876.535

Descriminação

Hipoteca de Dorvalina da Soledade Fraga	1:500.000
Hipoteca de Trajano Honorato Leite	3:000.000
Caderneta na Caixa Econômica	4:709.155
Dinheiro em poder do Tesoureiro	667.380
TOTAL	9:876.535
Apólices do Bispado inalienáveis	130:000.000
Juros de 5% ao ano	6:500.000
Apólice para o Seminário	50:000.000
Juros de 5% ao ano	2:500.000
Mitra	1:300.000

É bom aqui recordar um “defeito” do Pe. Topp: sua generosidade sem limites, causando até problemas. Meio século depois, Dom Joaquim Domingues de Oliveira recordará conversas que ele, ainda padre, tinha com Dom Duarte em São Paulo. São reminiscências cheias de emoção: “Por vezes referia-se às suas praias, aos bravos padres que aqui mourevavam, o inesquecível Mons. Francisco Topp, Cura da Catedral, Vigário Geral e verdadeiro criador do Bispado, zeloso, abnegado, desprendido,

¹⁸ Carta de Dom Duarte ao Pe. Topp em 10 de novembro de 1904.



tão desprendido, que chegou a fazê-lo com essa pontinha de ironia: “Dinheiro na mão do Pe. Topp, é manteiga em focinho de cachorro!”. Morreu, ignorando, ao que se supõe, uma Caderneta de Banco de poucos milhares de réis, que alguns amigos conseguiram amealhar, preocupados com o seu futuro, prevendo a velhice que se aproximava”¹⁹

A bondade de Pe. Topp acarretava sérias preocupações a Dom Duarte: “... Conhecendo o bom espírito do Padre Topp, não quero contrariá-lo, ainda mais que conheço a pureza de suas intenções. Estou bastante incomodado com a situação financeira do Padre Topp. Realmente o perigo é grande, e eu tentarei conjurá-lo por ocasião da Visita, dando-lhe alguns conselhos nesses sentidos”²⁰. No ano seguinte, a mesma preocupação: “Convém que aí [Desterro] se constitua o Conselho de Fábrica sem demora e antes da chegada do Pe. Topp. V. Revma. bem sabe as razões que tenho para isso, ainda que reconheço o zelo e a dedicação daquele bom padre. Creio mesmo que é um ato de caridade que lhe fazemos”²¹.

A carta vazou e estimulou a fofoca na Ilha. Surgiu comentário de que o Bispo tiraria o Pe. Topp da Matriz para confiá-la aos Franciscanos, pois além do Conselho de Fábrica os frades continuavam a atendê-la. O povo não sabia que Pe. Topp pedira mais um ano de licença para permanecer na Europa. Dom Duarte teve de acalmar os ânimos escrevendo ao Jornal O DIA²². Nesse campo de patriotismo religioso, de entusiasmo pela causa do bispado, surge o projeto da criação de um *Partido Católico*, logo delicadamente abortado por Dom Duarte em carta a Hercílio Luz: “Bem que a situação política do Estado de Santa Catarina constitua no pensar de V. Excia um terreno habilmente preparado para a arregimentação dos católicos em um Partido mais ou menos político, com um programa mais ou menos religioso. Não o vejo, contudo, bastante luminosa para dissiparme com tanto os seus fundados escrúpulos. ... Para delir da Constituição do País certas Leis que não aderem à consciência e contristam o nosso coração de brasileiros é necessário um Partido?” ... “Demais, graças à Providência Divina, o Episcopado brasileiro forma hoje um todo compacto que pensa, sente e opera como um só homem, guiado pelo mesmo espírito de fé, em busca do mesmo ideal. Este, incontestavelmente, um

¹⁹ Discurso de Dom Joaquim ao receber o título de Cidadão Honorário de Florianópolis, em 28 de janeiro de 1964. Arquivo Histórico-ecclesiástico de SC.

²⁰ Carta a Frei Herculano Limpinsel, de São José, em 21 de janeiro de 1905.

²¹ Dom Duarte a Frei Zeno Walbroehl em 27 de janeiro de 1906.

²² Dom Duarte ao Jornal O DIA, em 19-02-1907.



dos mais notados benefícios que nos veio da Proclamação da República, benefício que a todo o custo devemos conservar”.

E prossegue, para desanuviar o ambiente: Já não é segredo para ninguém o projeto para a criação de uma Diocese neste Estado de Santa Catarina, que por tantos títulos tem o incontestável direito de emparelhar com os outros em sua marcha sempre crescente para o progresso. À frente desta gloriosa campanha esteve meu venerando Antecessor, cujos passos vou trilhando, alentado pelas mesmas esperanças²³.

A idéia do Partido Católico permanece, em grande parte graças ao estímulo do alemão Pe. João Batista Peters, já vigário de Itajaí e depois grande educador em Curitiba. O órgão do Partido seria o Jornal A VERDADE, dirigido por ele. Dom Duarte encerra o assunto: “...desaprovo francamente semelhante tentativa. Trabalhando em campo raso como bom soldado de Cristo, onde tanto se tem esforçado pelo triunfo da causa católica, não pode V. Revma. distinguir tão claramente como o Bispo as diversas linhas de um combate generalizado, onde cada indivíduo, cada soldado, cada oficial, tem uma ação que lhe é própria e inalienável”²⁴.

O trabalho da Comissão prosseguia, com sempre maior motivação da parte do povo católico. Em 1905, tinha reunido 50 contos! Faltava a outra metade. Dom Duarte Leopoldo e Silva adiantou uma sugestão, já adotada em outros Estados: pedir ao Congresso do Estado um auxílio. Este veio, completando os 100 contos. Já era outra a *Comissão*: Antero de Assis, José Boiteux, Henrique Valga, André Wendhausen, Gustavo Silveira. Pe. Francisco Topp, exultante com o progresso na caminhada, encaminhou ao Santo Padre Pio X um requerimento, assinado pelas principais autoridades do Estado, em 9 de janeiro de 1906, por intermédio do Nuncio Apostólico, Mons. Tonti. Acompanhava-o uma carta de Dom Duarte. O Secretário de Estado do Vaticano, Cardeal Merry del Val, encaminhou as correspondências à Congregação dos Negócios Extraordinários, a fim de dar seu parecer a respeito. Para alegria de todos, em 23 de fevereiro de 1906 Dom Duarte comunicou que acabara de encaminhar à Nunciatura a Petição dos católicos de SC com referência ao novo Bispado²⁵.

²³ Excertos da Carta de Dom Duarte a Hercílio Luz em 1º de fevereiro de 1905.

²⁴ Carta de Dom Duarte ao Pe. João Batista Peters, em Florianópolis, em 1º de novembro de 1905.

²⁵ Carta de Dom Duarte ao Sr. José Boiteux, em 23 de fevereiro de 1906.



Em agosto do mesmo ano, Pe. Topp viajou a Roma, para tratar pessoalmente do caso. Foi recomendado por cartas do Senhor Núncio e do Barão do Rio Branco. Em contatos com o Cardeal Steinhuber, membro da Congregação, e de seu Secretário, Mons. Bisletti, conseguiu o Pe. Topp um parecer unânime para a breve criação da Diocese de Florianópolis. Quanto ao futuro Seminário, houve uma providencial doação deixada em Testamento pelo falecido vigário de Joinville, Pe. Carlos Boegershausen. Em 10 de janeiro de 1907 Dom Duarte escreve ao Pe. José Sundrup, novo vigário joinvillense, autorizando-o a receber o legado do falecido Pe. Carlos Boegershausen em favor do Seminário de Curitiba: “Entretanto, conhecida claramente a vontade do testador, o Seminário não o pode receber em sã consciência. A questão, pois, será resolvida do modo seguinte: como meu procurador, V. Revma. receberá a importância do legado, fazendo-a recolher à Câmara Eclesiástica, onde será escriturado como patrimônio da futura Diocese de Santa Catarina, para ser oportunamente empregado conforme as disposições do testador”.

VI A Diocese de Florianópolis

Finalmente, em 19 de março de 1908, a Bula “*Quum Sanctissimus Dominus Noster*”, de Pio X, erigia o Estado de Santa Catarina em Diocese, com o nome de “Florianópolis”, sendo a Matriz de Nossa Senhora do Desterro elevada a Catedral.

O Bispo de Curitiba, Dom João Francisco Braga, foi nomeado Administrador Apostólico até a eleição do primeiro Bispo Diocesano, o que ocorreu a 13 de agosto do mesmo ano, recaindo a escolha na pessoa de Dom João Becker, que aqui permaneceu até 1912. Sucedeu-o Dom Joaquim Domingues de Oliveira, eleito a 2 de abril de 1914, tomando posse a 7 de setembro. Dom Joaquim permaneceu à frente da Diocese, que em 1927 se tornou Arquidiocese, até 1967, ano de sua morte.

A diocese de Florianópolis ficou sufragânea da do Rio de Janeiro até 7 de junho de 1908, passando à sé metropolitana de São Paulo. Pouco depois, em 15 de agosto de 1910, tornou-se sufragânea da nova arquidiocese de Porto Alegre. Em 17 de janeiro de 1927, pela Bula *Inter Praecipuas*, Pio XI elevou Florianópolis a sede arquidiocesana com a criação dos bispados de Joinville e Lages, dela sufragâneos.



Um retrato da Diocese de Florianópolis em 1908

O território da diocese de Florianópolis incluía 400 mil habitantes (em 1900 eram 320.289), dentre os quais 60 mil protestantes. Contavam-se na diocese, que abrangia todo o Estado, 41 paróquias e 4 curatos. A cidade de Florianópolis tinha 12.500 habitantes (em 1858 eram 6-7mil) num total, para a Ilha de Santa Catarina, de 31.500 moradores. Para alegria nossa – e cremos que também dos leitores – através de recortes de Jornal no Arquivo Histórico-ecclesiástico de SC, de Florianópolis, foi possível conseguir um retrato da nova diocese, com suas paróquias, instituições, padres e religiosos²⁶.

A – PARÓQUIAS NA ILHA DE SC

1. Florianópolis: Nossa Senhora do Desterro. Criada em 5 de março de 1712. Católicos: 12.500.

Vigário: Padre Francisco Topp e Coadjutor: Padre Francisco Giesberts. No Hospital de Caridade é capelão o Pe. Arcângelo Ganarini.

2. Lagoa: Nossa Senhora da Conceição. Criada a 20 de junho de 1750. Católicos: 5.600. Anexada a Florianópolis. Tem uma capela filial no Rio Tavares.

3. Santíssima Trindade. Criada em 23 de Março de 1853. Católicos: 3.200. Anexada a Florianópolis. Tem uma capela filial no Saco dos Simões.

4. Ribeirão: Nossa Senhora da Lapa. Criada em 19 de janeiro de 1809. Católicos: 3.500. Anexada a Florianópolis. Tem uma capela filial no Pântano do Sul.

5. Santo Antônio de Lisboa: Nossa Senhora das Necessidades. Criada em 26 de Outubro de 1851. Católicos: 3.300.

Vigário: Padre José Fabriciano Pereira Serpa.

6. Canasvieiras: São Francisco de Paula. Criada em 22 de abril de 1833. Católicos: 3.400. Anexada a Santo Antônio de Lisboa.

7. Rio Vermelho: São João Batista. Criada em 11 de Agosto de 1831. Católicos: 2.000. Anexada a Santo Antonio de Lisboa.

²⁶ Os recortes foram extraídos de publicação alusiva à instalação da Diocese, em 1908.



Total da Ilha de Santa Catarina: 33.500 católicos. Das 7 paróquias, apenas duas com párocos: Florianópolis e Santo Antônio de Lisboa.

B – PARÓQUIAS NO CONTINENTE

8. São Miguel: criada em 8 de fevereiro de 1752. Católicos: 9.000. Tem capelas filiais em Biguaçu, Armação de Piedade, Três Riachos e Ganchos.

Vigário: Padre Domingos Bonavero.

9. São José: criada em 26 de outubro de 1750. Católicos: 10.000. Tem um convento de Padres franciscanos e 8 capelas filiais.

Vigário: Frei Domingos Schmitz OFM e dois Coadjuutores. É Residência do Ministro Provincial da Província Franciscana da Imaculada Conceição, Frei Celso Dreiling e do secretário Frei Cleto Espey²⁷.

10. Santo Amaro do Cubatão: criada em 29 de Maio de 1854. Católicos: 6.000. Tem uma residência de Padres Franciscanos e uma escola paroquial com 50 alunos.

Vigário: Frei Osvaldo Schlenger e 5 coadjutores.

11. Enseada de Brito: Nossa Senhora do Rosário. Criada em 13 de maio de 1750. Católicos: 3.500. Anexada a Santo Amaro.

12. São Pedro de Alcântara: criada em 13 de Abril de 1844. Católicos: 3.000. Tem 5 capelas filiais e 5 escolas paroquiais.

Vigário: Padre Huberto Ohters.

13. Garopaba: São Joaquim. Criada em 9 de Dezembro de 1830. Católicos: 5.700. *Vigário:* Padre Rafael Faraco.

14. Laguna: Santo Antônio dos Anjos. Criada em 1676. Católicos: 8.000. Tem Hospital da Irmandade dos Passos.

Vigário: Padre Manoel João Luiz da Silva.

15. Vila Nova: Sant'Anna. Criada em 1753. Católicos: 2.100.

Vigário: Padre Francisco José Bertero.

16. Mirim: Sant'Anna. Católicos: 3.800. Anexada a Vila Nova.

²⁷ O dado é importante: a partir de desse Convento deu-se a restauração da Ordem Franciscana no Brasil.



17. Tubarão: Nossa Senhora da Piedade. Criada em 1836. Católicos: 12.000. Tem capelas filiais em Pedrinhas, Pedras Grandes, Azambuja do Sul e Orleans. Na cidade há um colégio com 130 alunas e um hospital com 36 doentes, propriedade das Irmãs da Divina Providência, e duas escolas paroquiais.

Vigário: Padre Bernardo Freise e coadjutor Padre Francisco Chylinski.

18. Imaruí. São João Batista. Criada em 22 de Agosto de 1833. Católicos: 6.000. *Vigário:* Padre João Baptista Steiner.

19. Pescaria Brava: Senhor Bom Jesus. Católicos: 2.200. Anexada a Imaruí.

20. Jaguaruna: Nossa Senhora das Dores. Criada em 1902. Católicos: 4.000.

Vigário: Padre Miguel Pizzio.

21. Araranguá: Nossa Senhora Mãe dos Homens. Criada em 19 de Maio de 1854. Católicos: 12.000. Anexada a Jaguaruna.

22. Urussanga: Nossa Senhora da Conceição. Criada em 1896. Católicos: 7.000. Tem um colégio das Irmãs de São Carlos com 50 alunas.

Vigário: Padre Luiz Marzano e coadjutor Padre Luiz Gilli.

23. Braço do Norte: São Ludgero. Criada em 1902. Católicos: 12.000. Tem 16 capelas filiais e um Colégio das Irmãs da Divina Providência com 120 alunas.

Vigário: Padre Frederico Tombrock e coadjutor Padre João Batista Klöcker.

24. Tijucas: São Sebastião. Criada em 4 de maio de 1848. Católicos: 5.000.

Vigário: Padre Ludovico Coccolo.

25. Porto Belo: Senhor Bom Jesus dos Affitos. Criada em 02 de abril de 1824. Católicos: 4.500. Anexada a Tijucas.

26. São João Batista: São João Batista. Criada em 19 de abril de 1838. Católicos: 6.000. Anexada a Tijucas.



27. Brusque: São Luiz Gonzaga. Criada em 1863. Católicos: 9.000. Tem 16 capelas filiais e um Colégio das Irmãs da Divina Providência com 110 alunos, 8 escolas paroquiais, 1 Hospital episcopal em Azambuja com 65 doentes e 20 órfãos, administrado pelas Irmãs da Divina Providência.

Vigário: Pe. Henrique Meller, SCJ com dois Coadjuutores e Diretor do Hospital de Azambuja, Pe. Gabriel Lux, SCJ.

28. Blumenau: São Paulo. Criada em 1878. Católicos: 5.500. Tem 9 capelas filiais e 11 escolas paroquiais com 400 alunos. Tem um Convento dos Padres Franciscanos com um Colégio para os aspirantes da Ordem com 25 seminaristas; tem 1 Colégio das Irmãs da Divina Providência com 90 alunas.

Vigário: Frei Marcelo Baumeister, OFM com 2 coadjutores. O Convento dos Franciscanos tem 6 padres e 20 Irmãos leigos.

29. Gaspar: São Pedro Apóstolo. Criada em 1861. Católicos: 7.000. Tem 4 capelas filiais e 7 escolas paroquiais com 180 alunos, e uma residência dos Padres Franciscanos. *Vigário:* Frei Herculano Limpinsel, OFM com 2 coadjutores.

30. Itajaí: Santíssimo Sacramento. Criada em 12 de agosto de 1833. Católicos: 15.000. Tem 1 Hospital municipal e 3 capelas filiais.

Vigário: Padre José Foxius, SCJ e dois coadjutores.

31. Camboriú: Nossa Senhora do Bom Sucesso (hoje Divino Espírito Santo). Criada em 16 de abril de 1849. Católicos: 5.000. Anexada a Itajaí.

32. Penha de Itapocoroy: Nossa Senhora da Conceição. Católicos: 3.000. Criada em 23 de março de 1839. Anexada a Itajaí.

33. Paraty (Araquari): Senhor Bom Jesus. Criada em 1854. Católicos: 4.000.

Vigário: Pe. Henrique Lindgens, SCJ e 1 Coadjutor.

34. São Francisco: N. S. da Graça. Criada em 1665. 8.000 católicos. Tem 2 capelas filiais.

Vigário: Pe. Antônio Francisco Nóbrega.



35. Joinville: São Francisco Xavier. Criada em 1858. Católicos: 10.000. Tem 5 capelas filiais e um Hospital municipal, administrado pelas Irmãs da Divina Providência, e 1 escola paroquial com 90 alunos.

Vigário: Pe. José Sundrup e 1 Coadjutor.

36. São Bento: São Bento. Criada em 1901. Católicos: 8.000. Tem 2 capelas filiais e uma escola paroquial com 120 alunos.

Vigário: Pe. João Stolte, SCJ e 1 Coadjutor.

37. Lages: Nossa Senhora dos Prazeres. Criada em 1767. Católicos: 25.000. Tem 16 capelas filiais e 3 escolas paroquiais com 200 alunos, 1 Convento dos Padres Franciscanos e 1 Colégio das Irmãs da Divina Providência com 120 alunas.

Vigário: Frei Libório Grewe, OFM e 5 Coadjutores.

38. São Joaquim do Cruzeiro da Costa da Serra: São Joaquim. Criada em 28 de agosto de 1886. Católicos: 8.000. Anexada a Lages.

39. Curitibaanos: Nossa Senhora da Conceição. Criada em 11 de junho de 1869. Católicos: 12.000. Tem 30 capelas filiais, 1 escola paroquial com 30 alunos e 1 Residência dos Padres Franciscanos.

Vigário: Frei Rogério Neuhaus, OFM e 2 Coadjutores.

40. Campos Novos: São João Batista. Fundada em 30 de março de 1881. Católicos: 9.000. Tem 10 capelas filiais. Anexada a Curitibaanos.

C - CURATOS

1. Teresópolis: Santa Teresa. Católicos: 6.000. Tem 17 capelas filiais e 6 escolas paroquiais. Anexado a Santo Amaro.

2. Nova Trento: Santo Inácio (Erigida como Paróquia São Virgílio em 1929). Católicos: 7.000. Tem 5 capelas filiais e 6 escolas paroquiais, 1 residência dos Padres da Companhia de Jesus e 2 residências das Irmãs da Imaculada Conceição.

Cura: Pe. João Maria Cybeo, SJ e 2 Coadjutores.

3. Rodeio: São Francisco de Assis. Criado em 1900. Católicos: 10.000. Tem 25 capelas filiais e 22 escolas paroquiais com 800 alunos. Tem um Convento dos Padres Franciscanos, Noviciado com 21 noviços e 1 Colégio das Irmãs da Divina Providência com 120 alunas.



Cura: Frei Lucínio Korte, OFM e 3 Coadjuutores. Mestre de Novícias: Frei Estanislau Schaette, OFM, 1 Coadjuutor e 2 Padres professores.

4. Criciúma: São José. Criado em 1902.

Cura: Pe. João Canônico.

Desse modo, em 1908 temos 40 freguesias e 4 curatos, apesar de algumas estatísticas trazerem 44 freguesias.

INSTITUTOS RELIGIOSOS

1. Ordem de São Francisco

A Província da Imaculada Conceição compreende todo o Brasil do Sul e tem 5 Conventos e 9 Residências.

Em Santa Catarina: São José, Blumenau, Santo Amaro, Rodeio, Lages e Curitiba. *Fora de Santa Catarina*: Rio de Janeiro, Petrópolis, Quissamã, São Paulo, Santos, Paranaguá, Curitiba e Palmas. Toda a Província tem 80 Padres, 24 clérigos e 60 Irmãos leigos, sendo Ministro Provincial Frei Celso Dreiling, com residência em São José.

2. Companhia de Jesus: tem o Ginásio Santa Catarina em Florianópolis, sendo Diretor Pe. Dr. Carlos Norberto Ploes. Tem 9 Padres professos, 5 escolásticos e 9 Irmãos leigos. Possui 1 Residência em Nova Trento.

3. Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus (Dehonianos): possui residências em Brusque, Paraty (Araquari), Itajaí e São Bento. Tem 11 padres e 3 Irmãos leigos, sendo Superior Pe. Henrique Meller, SCJ, com residência em Brusque.

4. Congregação das Irmãs da Divina Providência: Superiora Provincial é Irmã Amadea, residindo em Florianópolis. Tem 120 Irmãs e 18 noviças. Tem Colégios em Florianópolis, Brusque, Tubarão, Blumenau, Lages, Rodeio e Braço do Norte. Administra os Hospitais de Florianópolis, Azambuja, Blumenau e Joinville.

5. Congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição: Superiora Geral Irmã Paulina (Santa Paulina), residente em Nova Trento. Tem conventos em Nova Trento e Vígolo.

IMPrensa

A opinião pública católica se expressava através de



A FÉ – Órgão da Associação Irmão Joaquim. Editado de 24 de agosto de 1903 a 30 de novembro de 1909;

L'AMICO – fundado por Frei Licínio Korte, OFM, com a missão de “melhor cumprir sua missão de Líder da Comunidade Italiana”. Editado de 3 de abril de 1904 a 1917; e

A SINETA DO CÉU – Jornal editado em Lages sob a direção de Frei Pedro Sinzig, OFM, de 1903 a 1909²⁸.

De passagem podemos indicar o motivo de tanta vitalidade na Igreja catarinense, com a presença de tantos padres, religiosos e religiosas, tão diversos na procedência: foram as *correntes imigratórias européias* iniciadas em 1829 com a fundação do primeiro núcleo de colonização alemã em Santa Catarina (São Pedro de Alcântara), seguida de outras e, a partir de 1875, os núcleos fundados por italianos, ucranianos, poloneses. O Oeste catarinense foi ocupado por descendentes de imigrantes, mas provenientes do Rio Grande do Sul.

VII Instalação da Diocese – Chegada e posse de Dom João Becker, primeiro Bispo

“No dia 27 de setembro de 1908²⁹ o Revmo. Vigário Francisco Topp recebeu o telegrama seguinte: “Porto Alegre – partirei daqui primeiro Vapor Lloyd depois de 4 de outubro. Chegarei aí provavelmente no JÚPITER. – Saudações ao Clero, autoridades, fiéis – Bispo Becker”.

No dia 6 de outubro o Exmo. Sr. Governador do Estado recebeu do Exmo. Sr. Presidente do Rio Grande do Sul o seguinte telegrama: “Porto Alegre 5 – Acaba embarcar destino a essa Capital D. João Becker, a quem a população Porto-Alegrense prestou significativas demonstrações de apreço quer no ato da solene Sagração, quer agora na comovente despedida. Felicito Diocese Florianópolis brilhante aquisição seu primeiro Bispo. Saudações cordiais. Carlos Barbosa”.

Preparativos

Desde muitos dias a nossa população agitava-se nervosamente ansiosa pela chegada do primeiro Bispo de Santa Catarina. Para uns, a

²⁸ Piazza, Walter F.: A Imprensa Católica em SC. Revista de Pastoral de Conjunto, ano 18, agosto de 1982.

²⁹ Transcrito de O DIA, no. 482, outubro de 1908.



grande maioria do nosso povo – a chegada de S. Excia. o Sr. Dom Becker era mais uma conquista de ação católica, o prêmio dessa dedicação que os catarinenses têm pela Igreja de Cristo e por seu representante visível, o Santo Padre, e para outros era a incorporação de uma atividade inteligente e poderosa à engrenagem que movimenta o nosso progresso. Para todos, o fato assumia as culminâncias de um acontecimento grandioso que, por ser, no gênero, único em nossa história, devia ser comemorado com júbilo excepcional.

Ademais, para dar especial brilho à solenidade, para revesti-la de encanto maior, o primeiro Bispo era um sacerdote ilustre, que vinha de há muito conquistando geral estima e que, impondo-se por seu talento, por seu caráter e por sua atividade, tornara-se alvo de uma afeição sincera.

E à proporção que as horas se aproximavam do momento em que era dado ao nosso povo de receber o justo galardão dos seus esforços em prol da criação do Bispado de Santa Catarina, a animação crescia e de todos os pontos do Estado chegavam comissões para dar à recepção uma nota do regozijo geral do nosso povo.

Quando no sábado à tarde circulou a notícia de que o “Órion”, trazendo à bordo o distinto Prelado, devia aqui chegar na tarde do dia seguinte, o entusiasmo e a ansiedade alastraram-se, e todos procuravam concorrer para que as festas tivessem um cunho especial de extraordinário júbilo.

Mais uma vez a alma patricia, expandindo-se em hastos de amor, dava atestado brilhante dos seus inexcedíveis sentimentos de inquebrantável fé e de carinhosa hospitalidade, interessando-se para que nada faltasse, para que o Antístete ilustre recebesse à sua chegada a melhor impressão da terra em cujo progresso vinha colaborar, trazendo o vasto cabedal de seu prestígio, de sua inteligência e de suas virtudes.

E a realidade correspondeu à expectativa – a recepção foi uma verdadeira apoteose!

A chegada

Ao meio-dia do domingo, a cidade começou a agitar-se à notícia de que vinha transpondo a Barra o paquete Órion. Imediatamente os cais e trapiches começaram a encher-se de povo.



Pouco depois largavam para a barra o vapor Max, gentilmente cedido pela importante Casa Karl Hoepcke & Cia., e o rebocador Lomba, da Capitania do Porto, conduzindo ambos avultado número de famílias e cavalheiros.

Ao encontrarem-se estas duas embarcações com o Órion que sin-grava altaneiro, todo empavesado com o seu embandeiramento em arco, foram trocadas entusiásticas aclamações. Ao aproximar-se o Órion do ancoradouro, largou do Trapiche da Alfândega a lancha Lauro Müller, conduzindo a Comissão do Bispado, representantes do Clero, da Imprensa, da Sociedade São Vicente e de outras Associações. Ao aproximar-se do Órion, em cujas amuradas destacavam-se os vultos de nosso ilustre Pastor e ilustrado Prelado D. João Braga, que com tanto carinho dirigiu durante 8 meses os destinos desta parte de seu Bispado, foram erguidos a S. Excia. entusiásticas saudações.

Desembarcando todos a bordo do Órion, foram os dois ilustres Prelados saudados pelos presentes, que lhes eram apresentados pelo Revmo. Sr. Pe. Dr. Norberto Ploes. Em nome do Exmo. Sr. Governador do Estado, o Sr. Tenente Euclides de Castro, ajudante de ordens, deu as boas vindas aos ilustres viajantes. Após ligeira demora teve lugar o embarque dos Exmos. Srs. D. Becker e D. Braga, a bordo da Lauro Müller, que veio para terra comboiada pelo Max e pelo Lomba. Enquanto os sinos de nossas igrejas repicavam festivamente, a nossa população, em número superior a 5.000 pessoas, grupava-se nas vizinhanças do Trapiche Municipal, a fim de ver o desembarque do seu diretor espiritual. Do Palácio desceu então o Exmo. Sr. Coronel Gustavo Richard, Governador do Estado, acompanhado dos Sr.s Dr. Honório Cunha, Secretário Geral; Dr. Pedro Silva, oficial de Gabinete; Desembargador Pacheco d'Ávila, Presidente do Superior Tribunal; Dr. Correia de Oliveira, Prefeito da Polícia; Coronel Pereira e Oliveira, Superintendente Municipal; Coronel Júlio Barbosa, Comandante da Guarnição; Capitão Januário Corte, Comandante do Corpo de Segurança etc.etc.

A essa hora já achavam-se no Trapiche representantes do Apostolado, das Damas de Caridade, da Sociedade de São Vicente, das Irmandades do SSmo. Sacramento, Senhor dos Passos, Espírito Santo, N. S. do Parto, da Conceição e do Rosário, de diversas associações leigas, bem como as Bandas de Música do Corpo de Segurança e da Sociedade Amor à Arte. A excelente Banda do 1º Regimento Policial do Rio Grande, como o último eco das homenagens que a terra gaúcha prestou ao digno Prelado



catarinense, associou-se às nossas demonstrações de júbilo, tocando no Trapiche durante o desembarque.

O desembarque

À 1:30h. da tarde, em meio de um delírio de aclamações, o Exmo. Sr. Dom Becker, acompanhado do ilustre Sr. Dom João Braga, e dos Srs. Desembargador Antero de Assis, Coronel André Wendhausen e Germano Wendhausen, e Gustavo Silveira, membros da Comissão do Bispado, representantes do Clero e da Imprensa, saltou no Trapiche, sendo recebido no alto da escada pelo. Exmo. Sr. Coronel Gustavo Richard, Pe. Francisco Topp, Vigário da Capital, altas autoridades civis e militares e representantes das Associações, organizando-se o préstito que dirigiu-se ao Palácio Episcopal. O distinto Prelado seguiu ladeado pelo Exmo. Sr. Coronel Gustavo Richard e Coronel Pereira e Oliveira, sempre no meio de indescritíveis ovações. Nessa ocasião o povo catarinense esteve na altura dos seus créditos de povo hospitaleiro e carinhoso que sabe desdobrar-se em afetos a quantos se impõem à sua estima e consideração.

Na Residência Episcopal o Sr. Dom Becker, sob uma chuva de flores que lhes jogaram 8 gentis meninas, foi recebido por delegações do Apostolado, da Associação das Damas de Caridade e da Sociedade de Santa Catarina, sendo introduzido no salão do pavimento térreo. Tomou então a palavra o Desembargador Dr. Antero de Assis, que em nome da população católica saudou em brilhante discurso o Prelado ilustre que vinha assumir a direção espiritual do povo catarinense, estendendo-se em eloqüente elogio das altas virtudes que ornaram o distinto Bispo. O emocionante discurso, reproduzindo a justa alegria do povo catarinense, foi por vezes interrompido com aplausos entusiásticos. Ao terminar, o ilustre orador foi muito cumprimentado.

Tomou então a palavra o Exmo. Sr. Dom João Becker, que vivamente comovido, agradeceu as extraordinárias homenagens que naquele momento o povo lhe prestava. Declarou que procurará cooperar para a grandeza moral do Estado que o acolheu tão carinhosamente e hipotecou todos os seus esforços no sentido de manter as simpatias desse povo cujos sentimentos de bondade ele já conhecia. Terminou assegurando que colaborará com o poder civil para que cada vez mais o nosso Estado se avante em progresso e desenvolvimento. Agradeceu os bons serviços da digna Comissão do Bispado e do Revmo. Pe. Topp, cujos esforços foram coroados do feliz êxito e ergueu um viva ao povo catarinense, na



pessoa do ilustre Governador Gustavo Richard, a quem naquele momento reiterava os seus protestos de estima e consideração. O discurso do digno Prelado foi uma página eloqüente do seu patriotismo e da sua capacidade, falando sem refolhos e com sinceridade, razão por que o povo, apinhado em frente ao Palácio Episcopal, mais uma vez lhe fez entusiástica ovação.

Durante toda a tarde e a noite o Exmo. Sr. Dom João Becker recebeu cumprimentos, tendo estado a sua residência sempre repleta. Todo o Clero desta Capital e quase todos os Vigários e muitos outros padres da Diocese estiveram em Palácio cercado seu ilustre chefe de atenções e obséquios. À noite, embora o fortíssimo vento sul, quase todas as casas desta cidade iluminaram suas fachadas, destacando-se pela graciosidade a iluminação do Hospital de Caridade e da Capela do Menino Deus. O espetáculo que oferecia aquele elegante outeiro era surpreendente, causando geral admiração. Também foi apreciada pela arte e apurado gosto a iluminação do Ginásio Santa Catarina.

O Exmo. Governador do Estado recebeu do Sr. Presidente do Rio Grande do Sul o seguinte telegrama: “Porto Alegre – Agradeço comunicação dirigiu-me V. Excia. acerca da carinhosa recepção feita D. João Becker, ao entrar sua Diocese. Contava com essas afetuosas demonstrações em homenagem virtuoso e ilustrado Bispo, que na administração da Igreja catarinense saberá enaltecer-se por novos serviços à Religião e à Pátria. Saudações cordiais – Carlos Barbosa”.

VIII Posse de Dom João Becker no Bispado de Florianópolis – 12 de outubro de 1908

Surgiu esplendente e magnífico o dia 12, associando-se assim a natureza a esse coro uníssono de Hosanas com que o povo catarinense saúda a chegada de seu primeiro Bispo. De diversos pontos do Estado chegavam forasteiros que vinham assistir à posse solene de S. Excia. Dom João Becker.

Às 9:00h. da manhã, a Catedral, repleta de senhoras e cavalheiros, recebia o ilustre Prelado, o Exmo. Sr. Dom João Braga, que vinha aguardar a chegada de seu companheiro D. Becker, a fim de colocá-lo no Trono episcopal. O Exmo. Sr. Dom Braga foi recebido na porta da Catedral pelos Revmos. Vigário Topp e Frei Celso, Provincial dos Franciscanos,



que lhe apresentaram a Cruz que S. Excia. osculou, indo tomar assento no Trono que lhe fora preparado ao lado da Epístola.

Em seguida formou-se o préstito que devia receber no Palácio Episcopal o Exmo. Sr. D. João Becker e acompanhá-lo em sua entrada solene. O préstito compunha-se das alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus, das órfãs do Asilo são Vicente, das zeladoras do Apostolado, das Damas de Caridade, as Irmandades do Rosário, Conceição, Espírito Santo, Passos e SSmo. Sacramento, do Clero Secular e Regular e de altas autoridades civis e militares. Em frente do Palácio Episcopal o préstito parou, saindo S. Excia. Dom João Becker sob o Pálio, em cujas varas seguravam: Sr. Coronel Gustavo Richard, Governador do Estado; Dr. Honório Cunha, Secretário Geral; Dr. Pacheco D'Ávila, Presidente do Superior Tribunal; Coronel Pereira e Oliveira, Superintendente Municipal; Capitão Januário Cortes, Comandante do Corpo de Segurança; e Coronel André Wendhausen, membro da Comissão do Bispado.

O préstito percorreu as ruas da Praça, as quais eram muito bem enfeitadas, entrando na Catedral, onde o digno Prelado foi recebido com as formalidades de estilo, dirigindo-se em seguida à Capela do SSmo. Sacramento, onde fez breve oração. Nessa ocasião, o Coro, composto de alunos do Ginásio Santa Catarina, entoou o *Te Deum*. No altar-mor S. Excia. foi recebido pelos Srs. Coronel Júlio Barbosa, Comandante da Guarnição Federal, Capitão-de-corveta Tito de Britto, Comandante da Escola de Aprendizes Marinheiros; Dr. Corrêa de Oliveira, Prefeito da Polícia; Dr. João Pedro da Silva, Oficial de Gabinete; Dr. Nicolau Pederneira, Diretor da Companhia Metropolitana; Carlos Malburg, Cônsul da Alemanha e Holanda; H. Scheele, Cônsul da Bélgica; Ernesto Vahl, Cônsul da Áustria-Hungria; Savas N. Savas, Cônsul argentino; Joaquim Neves, Cônsul de Portugal; F. Costa, representante do Sr. Delegado Fiscal; Otávia Silva, pela União Popular; Rodolfo Formiga, da Sociedade de São Vicente de Paulo; Desembargadores Drs. Câmara, Montenegro, etc; Von Gehlen, pastor protestante, etc.etc.

Terminado o *Te Deum* e depois das cerimônias do Ritual, o nosso ilustre conterrâneo Sr. Pe. Dr. Gercino de Oliveira Sant'Ana leu a Bula Pontifical nomeando Dom João Becker Bispo de Florianópolis. Em seguida o Exmo. Sr. Dom João Braga descendo do seu Trono pegou na mão de S. Excia. Dom Becker e, comovidos ambos, conduziu-o ao seu Trono Episcopal. Dom Becker, com uma visível comoção, que revelava bem claro as emoções que lhe iam na alma ao assumir as gravíssimas



responsabilidades de chefe espiritual do povo catarinense, proferiu ligeira alocução em que explicava a sua “norma agendi”, e acentuou os seus desejos de, sob a luz inefável do Evangelho, guiar as suas ovelhas para a bem-aventurança eterna, sem desfalecimento e sem ódios. De todos solicitou o concurso para que a sua ação fosse coroada de feliz êxito, a fim de que o nosso povo, colaborando com as autoridades civis para a sua felicidade aqui na terra, pudesse aspirar à recompensa do Soberano Juiz na mansão dos justos.

Dando pela primeira vez a bênção às suas ovelhas que ele já amava com um amor de pai carinhoso, S. Excia. achou oportuna a ocasião de galardoar os serviços do maior batalhador do Bispado de Santa Catarina, o Revmo. Vigário Francisco Topp, comunicando-lhe que o Exmo. Sr. Dom Cláudio, virtuoso Bispo de Porto Alegre, a pedido de S. Excia. e do Exmo. Sr. Dom Braga conferira-lhe as honras de Cônego da Catedral de Porto Alegre e oferecendo-lhe as insígnias que ele usara durante o tempo em que dirigira a Paróquia do Menino Deus.

Terminada a Posse, começou a Missa Pontifical. Junto ao Exmo. Sr. Dom Becker serviram: Côn. Topp, *presbyter assistens*; Padres Sundrup e Rubarth, diáconos assistentes; diácono e subdiácono da Missa, Padres Cladden e Steiner. Junto a Dom Braga serviram os Padres Dr. Norberto Ploes e Frei Celso. Funcionaram como cerimoniários Pe. Dr. Gercino de Oliveira e auxiliar Pe. Dr. César Rossi. Assistiram à solenidade os Revmos. Srs. Padres Gabriel Lux, Guilherme Thoneick, Antônio Nóbrega, Pedro Storms, Antônio Wollmeiner, Frederico Tombrock, João Colleoni, Geraldo Thiemöller, Luiz Marzano, Luiz Gilli, Ludovico Coccolo, Freis Herculano Limpinsel, Lucínio Korte, Marcelo Baumeister, Domingos Schmitz, Osvaldo Schlenger, Rogério Neuhaus, Libório Grewe, etc., representando as diversas Paróquias da Diocese. Junto ao Trono do Exmo. Sr. Dom Braga tomou assento o Exmo. Sr. Coronel Richard, Governador do Estado. O Coro, sob a abalisada direção do Irmão Beyer, compunha-se de alunos e irmãos do Ginásio Santa Catarina. Ao Evangelho pregou o ilustrado orador sacro Pe. Cladden, SJ, que produziu brilhante discurso. Terminada a Missa, estiveram os Exmos. Srs. Bispos largo espaço de tempo dando o anel a beijar à multidão que enchia literalmente a Catedral, que pela beleza de sua ornamentação apresentava impressionante aspecto.”

Finalmente, após tantos anos de expectativa e de mobilização, os católicos catarinenses tinham bispo próprio, diocese própria. E grande



bispo, na pessoa de Dom João Becker, que posteriormente revelou-se grande líder religioso, social e político, como arcebispo de Porto Alegre. Foi um momento de grande justiça a homenagem prestada a Pe. Francisco Xavier Topp, o verdadeiro organizador da Igreja catarinense e o maior responsável pela criação da diocese de Florianópolis. Os títulos, à época de grande significado, de Cônego da catedral de Porto Alegre e, mais tarde, de Monsenhor, foram justos para esse grande presbítero e missionário³⁰.

IX Dom João Becker – primeiro Bispo de Florianópolis

Filho de Carlos e de Catarina Becker, nasceu Dom João Becker a 24 de fevereiro de 1870 em S. Wendel, Bispado de Trier, na Alemanha. Na sua primeira infância a família emigrou para o Rio Grande do Sul, na zona do Caí. Seu pai sempre desempenhou a função de professor primário, desde cedo introduzindo o filho na vida estudantil. Dotado de rara inteligência, ajudava o pai nas tarefas de tomar as lições dos alunos, ele mesmo, às vezes, explicando-as. Tendo estudado em particular com os Jesuítas, matriculou-se depois no tradicional Colégio Conceição, onde quase sempre obteve a nota máxima. Coursou os Preparatórios exigidos para os cursos de Medicina e Direito.

Deus, porém, o chamava para outra missão. Assim, aos 21 anos, em 1891, matriculou-se na primeira turma do Seminário Diocesano de Porto Alegre, naquele ano inaugurado por Dom Cláudio José Ponce de Leão. Brilhante aluno de Filosofia, onde defendeu teses elogiadas pelo grande jesuíta Pe. Dr. Jacob Faeh, em 1893 matriculou-se nos estudos teológicos. Concluída a formação acadêmica, recebeu as ordens do Subdiaconato e Diaconato em 30 de novembro de 1894 e 30 de novembro de 1895, respectivamente.

Dom Cláudio, Bispo de Porto Alegre, conferiu-lhe a ordenação presbiteral a 2 de agosto de 1896, na capela do Seminário Diocesano. Dois dias depois foi nomeado Vigário da Paróquia do Menino Deus, na capital gaúcha.

³⁰ Pequena biografia desse grande padre se encontra em: BESEN, José Artulino: Monsenhor Francisco Xavier Topp., Revista ENCONTROS TEOLÓGICOS, Florianópolis, Ano 5, nº 2, 1990.



Pe. João Becker destacou-se pela piedade e pelo zelo na ação pastoral. Em pouco tempo conseguiu, graças à sua amabilidade e solicitude, mudar a fisionomia da Paróquia. Admirava-se sua força de trabalho, ainda mais partindo de um sacerdote jovem, de complexão frágil e delicada. Grande amor dedica o sacerdote ao estudo. Após um dia de trabalho, noite adentro o Vigário ia aprofundar os conhecimentos de grego, hebraico, História da Igreja e Direito Canônico. As horas de lazer eram dedicadas ao cultivo das Letras, dominando quase perfeitamente a linguagem portuguesa e notabilizando-se como jornalista e orador sacro. O jornalista Evandro Ribas a ele se refere como homem de “caráter ilibado, reputação impoluta, talento real, grande ilustração, extrema piedade, grande caridade, inexcedível zelo, aliados a um trato fidalgo e extrema gentileza”.

Primeiro Bispo de Florianópolis

É este sacerdote que a Santa Sé elegeu primeiro Bispo da recém-criada Diocese de Florianópolis, em 3 de maio de 1908. Dom Cláudio José Ponce de Leão, coadjuvado por Dom João Francisco Braga (Bispo de Curitiba) e Dom João Antônio Pimenta (Auxiliar de Porto Alegre), conferiu-lhe a ordem do Episcopado na Igreja de N. S. das Dores, de Porto Alegre, em 13 de Setembro de 1908. Grande representação popular e de autoridades catarinenses, que queriam ao máximo prestigiar os inícios da vida do Bispado florianopolitano.

Sob enorme afluência de público, como já vimos acima, com a presença maciça do Clero, contando entre eles o lendário e santo Frei Rogério Neuhaus, OFM, Dom João Becker foi empossado na Diocese de Florianópolis em 12 de outubro de 1908. O Pe. Dr. Gercino de Oliveira, jovem sacerdote tijucano formado no Pio Latino de Roma, lê a Bula de Eleição. Está presente ao ato o Sr. Bispo de Curitiba, Dom João Francisco Braga, até essa data Administrador Apostólico.

Apesar de sua curta permanência à frente do Bispado de Florianópolis, Dom João Becker não economiza esforços para organizar a vida católica catarinense, trabalho iniciado e continuado com grande fecundidade pelo Pe. Francisco Topp. Homem dado ao trabalho intelectual, à precisão dos conceitos, muito estimulou a expansão das Escolas Paroquiais, para ele a solução do problema da ignorância religiosa: sem instrução torna-se muito difícil uma verdadeira e própria formação cristã. Em Blumenau, com o auxílio dos Padres Franciscanos, foi fundada a Escola Normal para



professores que depois seriam nomeados para as Escolas Paroquiais. A formação de professoras era garantida pelo Colégio Normal das Irmãs da Divina Providência, fundado graças aos bons ofícios do Pe. Topp, em Florianópolis. As mesmas Irmãs fundam mais 5 Colégios e 2 Escolas. Dois Colégios são iniciados pelas Irmãs Apóstolas do Coração de Jesus, e as Irmãzinhas da Imaculada Conceição de Nova Trento fundam uma Escola. Ao mesmo tema, Dom João Becker dedica sua *Carta Pastoral* de 1910, afirmando que não há uma verdadeira paróquia sem uma Escola Paroquial. A insistência no ensino deve ser creditada em boa parte à inexistência de Instrução religiosa nas Escolas oficiais, face à separação entre Igreja e Estado operada pela República em 1890.

Muito o preocupou o problema – gravíssimo aqui – da formação presbiteral. Aqui encontra apenas dois sacerdotes catarinenses, o de Laguna e o de Santo Antônio de Lisboa. Velhos. Outros sacerdotes havia, mas tinham demandado outras regiões. Houve até algum melindre com a nomeação de um gaúcho – e alemão - para o Bispado... Não conseguiu fundar um Seminário, pela ausência de formadores e de condições financeiras. Enviou os vocacionados para Porto Alegre. Referiu-se ao problema na Carta Pastoral de 1912 *Sobre o Clero e sua Missão Moderna*.

Outras Cartas Pastorais, que totalizaram cinco, no seu período em Florianópolis: *Sobre a dignidade e os deveres do Bispo*, saudando os diocesanos (1908), *Sobre a Ação Social* (1911) e a de *Despedida* em 1912. Dom João Becker dava extrema importância às Cartas Pastorais, praticamente escrevendo uma a cada grande momento que surgia na vida eclesial ou nacional. As escritas em Porto Alegre são volumosas, vendidas nas Livrarias como livros de leitura e de instrução.

Organização da vida pastoral

Em janeiro de 1912 promoveu um *Congresso Sacerdotal* para tratar de assuntos disciplinares, quando foi organizada uma “Tabela Diocesana” e o “Regimento de Custas da Câmara Eclesiástica”. O tema disciplinar já havia sido tratado no *1º Sínodo Diocesano*, realizado de 31 de janeiro a 2 de fevereiro de 1910 em Florianópolis, após o Retiro do Clero. O 1º Sínodo dividiu o Bispado em 10 *Comarcas*, substituindo as antigas 4, que não mais atendiam às necessidades pastorais. São elas, com as Paróquias correspondentes: **Joinville** (São Francisco, Araquari, São Bento, o Curato do Rio Vermelho e a projetada Paróquia de Jaraguá) – **Blumenau** (Gaspar e o Curato de Rodeio) – **Itajaí** (Barra Velha, Penha,



Camboriú e Porto Belo) – **Brusque** (Tijucas, São João Batista e o Curato de Nova Trento, ficando o de Azambuja isento) – **São José** (São Miguel, São Pedro de Alcântara, Santo Amaro, Enseada do Brito e o Curato de Teresópolis) – **Laguna** (Garopaba, Vila Nova, Mirim, Imaruí e Pescaria Brava) – **Tubarão** (São Ludgero, Jaguaruna e as Capelas Curadas de Azambuja do Sul e Orleans) – **Urussanga** (Araranguá, os Curatos de Cocal e Criciúma e a Capela Curada de Nova Veneza) – **Lages** (São Joaquim, Curitiba e Campos Novos) – **Florianópolis** (Trindade, Lagoa da Conceição, Ribeirão da Ilha, Rio Vermelho, Canasvieiras e Santo Antônio de Lisboa).

Criou as *novas paróquias* de Canoinhas, Nova Veneza, Luiz Alves, Botuverá e Jaraguá do Sul, todas em 1912. E os *Curatos* de Cocal (1910), Massaranduba (1911), Ascurra (1912) e Rio dos Cedros (1913). Pelas suas origens, pode-se logo ver que as novas Paróquias e os Curatos situam-se nos centros de imigração alemã, italiana e polonesa, cujas populações organizavam-se e cresciam rapidamente, mudando praticamente as feições do antigo Estado. O Clero, assim, será mais alemão, italiano e polonês, quase inexistindo o nacional. Encontrou aqui as Ordens dos Jesuítas, (das Províncias Romana e Alemã), dos Franciscanos (da Província alemã de Santa Cruz da Saxônia) e a Congregação dos Padres do Sagrado Coração de Jesus – Dehonianos, estes e os Franciscanos, graças aos bons ofícios do Pe. Topp.

Para melhor conhecer seu rebanho, por 12 vezes saiu em Visita Pastoral, visitando todas as Paróquias uma vez e boa parte pela segunda. A distância total percorrida em Visita Pastoral atingiu, segundo Mons. Topp, cerca de 6.400 quilômetros. Estimulou a pregação geral de Santas Missões, que totalizaram 91. Nessa iniciativa foi socorrido pelos Lazaristas Pes. Henrique Lacoste e Manoel Gonzáles, e pelos Padres Franciscanos e Jesuítas.

Arcebispo de Porto Alegre

Estava realizando sua segunda Visita Pastoral, quando lhe chegou a notícia de que tinha sido promovido a Arcebispo Metropolitano de Porto Alegre, Arquidiocese de que Florianópolis era sufragânea desde 25 de outubro de 1910, quando foi desmembrada do Arcebispado do Rio de Janeiro. O velho Arcebispo de Porto Alegre, Dom Cláudio José Ponce de Leão resignara. A data de nomeação de Dom João Becker foi 1º de agosto de 1912. Em 8 de dezembro seguinte, festa da Imaculada



Conceição, tomou posse do Arcebispado de Porto Alegre, continuando como Administrador Apostólico de Florianópolis até 7 de setembro de 1914. A Diocese ficou praticamente sob o governo de Mons. Francisco Topp, nomeado Governador e Provisor do Bispado.

Em Porto Alegre, Dom João desenvolveu fecundo apostolado, enfrentando com prudência e habilidade os novos momentos que viveu a Pátria; a nacionalização sucessiva à 1ª Guerra, a crise da República Velha, o Estado Novo, a 2ª Guerra. Deu início às obras da nova e imponente Catedral. Faleceu aos 76 anos, em Porto Alegre. Era 15 de junho de 1946.

X Monsenhor Francisco Xavier Topp

Podemos afirmar que a pastoral organizada em terras catarinenses, anterior e posterior à criação da Diocese, tem um homem como protagonista: Pe. Francisco Xavier Topp. Ele foi capaz de unir o clero alemão, italiano, polonês, os diocesanos e religiosos, e reuniu o povo todo, em torno do projeto da criação do Bispado.

Filho de Bernhard Joseph Topp e Johanna Rosina Menge, Francisco Xavier Topp nasceu em Warendorf, Alemanha, a 19 de setembro de 1854. Na Igreja catedral de Eichstätt, Dom Francisco Leopoldo o ordenou presbítero em 15 de julho de 1877. O Jornal da Diocese de Münster, “Kirchliches Amtsblatt”, em 1889 publicou uma carta dos colonos de Braço do Norte, Estado de Santa Catarina, no Brasil. Eram imigrantes alemães, de profunda fé católica, espalhados pelo sul catarinense, com insuficiente atendimento pastoral. Pe. Topp lê a carta. Pulsa-lhe no coração o entusiasmo pela causa do Evangelho: seu patrono é Francisco Xavier! Está com 35 anos de idade, em pleno vigor físico e espiritual. Dirige-se a seu Bispo, Dom João Bernardo, e obtém licença para partir para a missão. Embarca para o Brasil em fins de 1889. Chegando ao Rio de Janeiro, sede do Bispado, recebe as Faculdades de Vigário Missionário. Tendo no sangue e na fé o fervor de São Bonifácio, por três décadas e meia foi o grande apóstolo de Santa Catarina.

Início da Obra missionária

Em janeiro de 1890 desembarcou no Desterro, capital do Estado. Dali partiu logo para o Sul do Estado, onde aconteceu a primeira parte



dos seus trabalhos. Foi indescritível a alegria dos colonos do Braço do Norte e do Capivari: recebiam um padre jovem, de caráter vivo e ardente. Sem o saber, Pe. Francisco Topp iniciava em 1890 a Missão da Diocese de Münster no estrangeiro, Missão que tantos e tão valiosos frutos produzirá na vida religiosa catarinense, para cá trazendo bons e virtuosos sacerdotes que marcaram até hoje a fisionomia religiosa e cultural do Estado. Os imigrantes italianos foram atendidos pela Missão da Diocese de Turim. Sem dúvida, foi o primeiro Projeto de Igrejas-Irmãs de que se tem notícia no Brasil. Se a Igreja catarinense foi pioneira desse Projeto em 1975, um século antes Münster e Turim foram pioneiras em relação à Igreja catarinense, que está repartindo do muito que recebeu.

Pe. Topp fixou residência junto à capela de São Ludgero. Mas quase não pára aí. Seu campo de apostolado atinge distâncias de mais de 90 km a partir do centro. Tinha de atender a distantes núcleos habitacionais, visitar doentes, enfrentando a floresta, o índio, perigos de todo tipo. Também toma para si o cuidado dos colonos italianos e poloneses da Colônia Grão Pará, além de todo o Curato de Teresópolis, pois o velho Pe. Roer, fraco e doente, já antes da chegada do Pe. Topp se retirara para a Santa Casa de Porto Alegre, onde faleceu a 8 de outubro de 1891.

Percebe que sozinho não poderia dar conta do trabalho. Escreve ao Bispo de Münster, pedindo mais sacerdotes. O Jornal da Diocese alemã publica a carta. Dois sacerdotes, coadjutores da Igreja de São Maurício, de Münster, se prontificam a viajar para a Missão: Antônio Eising e Francisco Auling. A 1º de janeiro de 1891 embarcam no porto de Bremen e no mês seguinte, após seis semanas de viagem, chegam ao novo campo de trabalho apostólico. Dividem entre si a vasta região: Pe. Topp fica em Teresópolis, Pe. Auling no Braço do Norte, Pe. Eising no Capivari. Com seu zelo e caridade conquistam a todos: alemães, italianos, poloneses e até os desconfiados brasileiros. Maior desafio a seu trabalho eram as visitas aos doentes: às vezes eram necessárias viagens de 20 a 24 horas constantes, no lombo de um cavalo.

Nas terras do índio Tubá

Em 1891 chega a notícia de que o Pe. Cipriano Buonacore iria deixar a imensa Paróquia de Tubarão, à qual estava anexa Araranguá, retornando para a Itália. Pe. Topp escreveu ao Bispo do Rio de Janeiro, colocando-se à disposição para o novo serviço. A 13 de maio de 1891 foi nomeado Vigário de Nossa Senhora da Piedade de Tubarão. E como



ficaria Teresópolis? E mais, como resolver o problema pastoral do centro e do planalto catarinense? Nesse momento já se delineia a visão pastoral do Pe. Topp, preocupado não só com os imigrantes do Braço do Norte e Teresópolis, pelos quais deixara a Pátria. Seu zelo pastoral ultrapassava as fronteiras paroquiais: era preciso uma organização pastoral que atendesse a todas as áreas carentes do ministério sacerdotal. Num espaço de 13 anos encontrou a fórmula para preencher os vazios: a vinda de novas Ordens e Congregações religiosas da Alemanha, que depois seriam distribuídas pelo território catarinense. Cumpre notar que Pe. Topp não tem ligação com lugares já assistidos, como Nova Trento, Joinville. Sua alma missionária pulsa pelos desassistidos. Sabendo que a Província Franciscana de Santa Cruz da Saxônia queria restaurar as antigas Províncias da Imaculada Conceição (sul e sudeste) e de Santo Antônio (norte e nordeste), praticamente inativas pela política anti-religiosa do Império, consegue que os franciscanos iniciem por Teresópolis. Ali chegaram os filhos de São Francisco a 12 de julho de 1891. Teresópolis foi o ponto inicial da restauração da vida franciscana no Brasil. Foi o ponto de partida para as novas fundações franciscanas: de lá sobem para Lages (no planalto) e dali descem para Blumenau (centro), marcando uma vigorosa presença religiosa e pastoral em toda essa abandonada região. Difundir-se-ão por Campos Novos, Curitiba, Palmas, Rodeio. Grande preocupação constituía a educação da juventude e da infância: educação e catequese eram as opções prioritárias do trabalho da Missão de Münster.

A Missão se amplia e consolida

Desejavam os padres (em 1893 tinham chegado Carlos Schmees e Bernardo Freise; Pe. Eising fora para a Colônia Brusque), Irmãs e professores leigos para as escolas. Chegaram dois leigos de Münster: os professores Atkemeyer e Schumann, que depois se retiraram para Curitiba. A grande solução o Pe. Topp a encontrou em 1894, quando de uma viagem à terra natal: de lá trouxe Irmãs da Congregação da Divina Providência, fundada cinquenta anos antes em Münster, pelo Pe. Eduardo Michelis. As Irmãs desembarcaram na Ilha de Santa Catarina em 27 de março de 1895, sendo destinadas a Tubarão, Blumenau e Florianópolis, depois se espalhando pelo território catarinense: São Ludgero, Lages, Rodeio, Joinville, Brusque. Nessa cidade, além de assumirem a Escola Paroquial, muito auxiliaram o Pe. Eising na “Santa Casa de Misericórdia”, em Azambuja, depois desdobrada em Hospital, Asilo de Idosos, Hospício de doentes mentais e Seminário.



Atraídos pelo convite do Pe. Topp, chegaram mais sacerdotes: Antônio Tertilt (1895), Frederico Tombrock (1896), Humberto Ohters (1897), José Sundrup (1899). Sistematizou-se melhor, graças à Missão de Münster, a vida religiosa catarinense: foram-se preenchendo as áreas povoadas pela descendência das grandes correntes imigratórias. Mas não se fecharam numa pastoral étnica. Os Pe.s Eising e Sundrup, a partir de Brusque assumiram São João Batista, Tijucas, Camboriú, Porto Belo e Itajaí. Pe. Topp não pára. Em 1904 conseguiu a vinda, da Alemanha, dos Padres do Sagrado Coração de Jesus, Congregação fundada pelo Pe. Léon Dehon, um dos pioneiros da doutrina social da Igreja. Os Padres do SCJ assumiram Brusque, Itajaí, Corupá e Vargem do Cedro, tendo como guia o Pe. Gabriel Lux, responsável pela consolidação das obras de Azambuja e pela fundação do Seminário de Corupá.

Na Ilha de Santa Catarina

Nova surpresa estava reservada ao Pe. Topp: o Pe. João Batista de Oliveira, Vigário de N. Sra. do Desterro, retirara-se para Portugal. A 27 de fevereiro de 1896, Dom José de Camargo Barros lhe escreveu, pedindo que um dos três sacerdotes de Tubarão (Topp, Schmees, Freise) a assumisse. Topp aceitou o novo desafio. Florianópolis seria a primeira capital brasileira a ter um Vigário alemão. A 31 de março saiu a Provisão: a Paróquia de Nossa Senhora do Desterro (atual Catedral) será seu campo de apostolado por 25 anos, até 1921.

Pe. Topp sabia, porém, que não seria pouco nem fácil o trabalho: Florianópolis seria apenas o centro de uma vasta área a ser atingida pelo seu devotado ministério. Simultaneamente assumiu as Paróquias de N. Sra. da Lapa no Ribeirão da Ilha, Santíssima Trindade, N. Sra. da Conceição da Lagoa, São Miguel Arcanjo em Biguaçu e São José. Seis Paróquias em grande abandono. Mas nada o atemoriza: só estava contente se sobrecarregado de trabalho! Sua amizade e diplomacia lhe granjearam a amizade de todos. Especialmente devota-se às crianças e aos pobres. Funda Centros catequéticos, escrevendo ele mesmo um Manual de Instrução Religiosa, infelizmente perdido. Dois desses Centros mais tarde foram erigidos em paróquias: Agrônômica e Saco dos Limões. Estimulou a fundação do Colégio Catarinense, dos Padres Jesuítas (1905), fundou o Asilo dos Órfãos Irmão Joaquim e, a próprias expensas, criou o Colégio paroquial Santo Antônio, para a instrução primária.



É praticamente impossível imaginar que este sacerdote tenha conseguido enfrentar, simultaneamente e em tão curto espaço de tempo, tantos trabalhos. Tudo isto lhe granjeia a confiança total do Bispo de Curitiba. Em 11 de abril de 1896, Dom José lhe confere poderes sobre todo o Clero catarinense e o nomeia seu representante e conselheiro, como já vimos. O Bispo não faz nenhuma nomeação, não cria ou provisiona nenhuma Paróquia, nada permite que se leve adiante, sem o parecer do Pe. Francisco Topp: sua retidão moral e sua caridade cristã eram garantia para aconselhar em qualquer decisão. Pe. Topp tinha a seu lado os padres alemães, italianos e brasileiros. Todos o estimavam e respeitavam. Seus dons possibilitaram uma ampla reforma religiosa, sem traumas e sem inimigos.

A criação da Diocese de Florianópolis

Paulatinamente se reorganiza a vida católica catarinense. Havia, contudo, um problema: a Diocese de Curitiba era muito vasta, pois abrangia, além do Estado do Paraná, também Santa Catarina. Fazia-se urgente a criação de um Bispado em Santa Catarina. Já analisamos seu empenho nessa obra, coroada a 19 de março de 1908, com a Bula “*Quum Sanctissimus Dominus Noster*”: o Santo Padre Pio X erigiu o Bispado de Florianópolis, desmembrando-o de Curitiba e abrangendo todo o Estado de Santa Catarina. Isto aumentou o trabalho e a responsabilidade de Pe. Topp, o que é comprovado pelos cargos que vai acumulando no decorrer dos anos: de 3 de maio de 1908 a 12 de setembro de 1912 é Secretário Geral do Bispado; de 12 de setembro de 1912 a 7 de setembro de 1914, por vacância do Titular da Diocese, é Governador do Bispado; de 30 de novembro de 1912 a 7 de setembro de 1914 é Vigário Geral e Provisor; de 15 de abril de 1915 a 18 de maio de 1925 é Procurador Geral (Chanceler); de 14 de outubro de 1918 a 18 de maio de 1925 é novamente Vigário Geral; a 31 de maio de 1924 é nomeado Consultor Diocesano. Era, por assim dizer, a alma da Diocese. Dom Joaquim Domingues de Oliveira, bispo diocesano desde 1914, mesmo sendo por natureza centralizador e pouco admirador dos Padres alemães, não pôde dispensar sua ajuda.

Em tudo isso, nesse mar de responsabilidades, não esquecia o povo, que devotava especial carinho ao santo pastor: pobres e ricos, crianças e velhos, todos nutrem por ele especial afeto. Apesar da desorganização financeira, provocada pelas esmolas que distribuía, Pe. Topp era de uma organização pastoral e arquivística exemplar. Tudo o que fez ou planejou



deixou exarado com sua bela caligrafia em livros muito bem conservados. Copiou antigos livros da Paróquia. Pesquisou a História da Igreja em Santa Catarina, seus Vigários e acontecimentos principais. Com essa finalidade, publicava belos artigos na Resenha e no Boletim Eclesiástico. Todo o processo de nomeação de Vigários é impecavelmente cuidado, tudo dentro dos prazos canônicos. Graças a Deus, apenas os pobres o deixavam desorganizado!

Na Luz perpétua

Pe. Topp realizara grande missão. A Igreja catarinense estava organizada. Era Diocese. As Paróquias estavam providas de sacerdotes. Grande rede de Escolas Paroquiais atendia as crianças católicas. Surgiam vocações. A vida religiosa se desenvolvia. Em 1921 deixou o Curato da Catedral. Em 18 de maio de 1925 não era mais Vigário Geral. Em sua casa, velho, doente, pobre, quase cego, preparava-se para o encontro com o Pai. Sete meses depois, a 25 de dezembro de 1925, entregou a alma a Deus. Dia de Natal! As cerimônias de seu sepultamento foram apoteóticas: os cronistas da época afirmaram que jamais a Capital presenciara tamanha concentração de público. Eram os pobres, maioria da população, que foram despedir-se de seu benfeitor. Monsenhor Topp terminara seus 35 anos de trabalho apostólico em Santa Catarina. A Igreja catarinense testemunhava um novo dinamismo. Seu epitáfio é um retrato de sua vida: *“Passou pela vida fazendo o bem”* (cf. At 10,38). Está sepultado no Cemitério da Irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, na Prainha, em Florianópolis.

XI Padre João Borges Quintão – segundo Bispo eleito de Florianópolis

Em Marliéria, pequeno município de Minas Gerais, há uma Escola Estadual com o nome de **“Padre João Borges Quintão”**. Poucos sabem da importância do nome, ligado à diocese de Florianópolis: foi ele o padre lazarista eleito pelo Papa Pio X como segundo bispo de Florianópolis. Já com tudo preparado para a sagração episcopal, renunciou à Mitra. Pe. Quintão era reitor do Seminário de Curitiba, e nele estavam reunidas as qualidades de um bispo: qualidades intelectuais e qualidades morais. Ao renunciar, dizendo-se indigno para o cargo, causou espanto geral, tal era a fama de seu nome. Pe. Topp ficou encantado com a humildade dele e foi



a Curitiba demovê-lo de sua renúncia: “Tal Bispo nós precisamos, sem ambição de honras e dignidades”. Mas o Pe. Quintão ficou inabalável na sua renúncia e no fim disse: “Mons. Topp, se o senhor conhecesse quem eu sou, não insistiria na sua teima”. Mons. Topp saiu pensando: “Ou é um grande santo ou é um grande pecador!”.

Estamos pesquisando a vida desse padre e missionário e, por enquanto, podemos adiantar alguns dados. Nasceu no dia 27 de junho de 1871³¹, na Fazenda Boa Vista, que uns situam no Distrito de Sant’Ana do Alfê e outros, no Distrito de Babilônia, ambos incorporados, até 1890, ao município mineiro de Itabira, hoje Marliéria. Seus primeiros estudos foram feitos na cidade, sede do município, no Colégio das Palmeiras. E, ali, foi colega de Trajano Procópio de Alvarenga Monteiro, seu amigo de todas as horas. Depois do Curso de Humanidades no Colégio do Caraça, em 1890, foi para Petrópolis onde entrou para o Noviciado da Congregação da Missão, fundada por São Vicente de Paulo, e fez os cursos de Filosofia, de Teologia e de Direito Canônico. Em 1896, voltou ao Caraça, Seminário e Colégio da elite mineira, como diácono, a fim de lecionar no mesmo estabelecimento de ensino em que havia adquirido sólidas bases para seus grandes e notáveis conhecimentos. Nesse ano foi ordenado presbítero.

Em 1897, no Rio de Janeiro, foi professor no Seminário do Rio Comprido, onde ficou até o fim do ano de 1901, tendo exercido paralelamente o cargo de Capelão da Santa Casa de Misericórdia. Atento às suas qualidades intelectuais, artísticas e litúrgicas, em 1898, Pe. João Borges Quintão foi nomeado pelo Arcebispo Dom Joaquim Arcoverde para fazer parte da Comissão de Música Sacra, para estudar a restauração da Música Sacra no Rio de Janeiro. Entre 1902 e 1906, foi nomeado Padre-Mestre de Missões nos Estados do Paraná e de Santa Catarina, onde brilhou no Ministério da Palavra. O cargo era de grande significado, reservado às grandes figuras da Congregação da Missão, os Lazaristas. Era notável pregador e muito admirados os seus sermões, que sempre mostravam que a verdade não sai dos cenáculos dos doutores, mas das palavras de Jesus Cristo. Neles, punha todo o seu coração e todas as forças de seu belo espírito.

Nunca deixou de protestar contra os abusos daqueles que maltratavam os pequenos e os humildes e contra aqueles que oprimiam,

³¹ VIDIGAL, Pedro Pereira in: *Os Antepassados*, II Volume, A sua gente, Tomo 2º: Os Martins Costa, 2ª parte.



deprimiam e comprimiam os pobres e os fracos e exploravam o suor dos operários. Era um entusiasta anunciador da justiça social e da nascente doutrina social de Igreja, condensada na *Rerum Novarum* de Leão XIII. Entre 1906 e 1914, foi reitor do Seminário São José, de Curitiba. E ali, em 1913, foi surpreendido com a comunicação oficial de que havia sido eleito bispo da diocese de Florianópolis. Sua eleição alegrou a todos, pois seu nome era já bem conhecido em Florianópolis, para onde diversas vezes tinha se deslocado para pregar missões. Pe. João Quintão era um homem sério, um padre responsável. Após o primeiro sim, percebeu que não preenchia as condições para o ministério episcopal. E assim, aconselhando-se com Dom Duarte, arcebispo de São Paulo, que o acompanharia a Roma para a sagração, houve por bem desistir do episcopado, por sérias razões de foro íntimo. Na idade madura, com 44 anos sadios e fortes, firme em suas convicções religiosas, com pesar verificou que tinha vocação, sim, para o sacerdócio, que ele havia honrado espiritual e intelectualmente, nos púlpitos e nas cátedras de ensino, na piedosa celebração das Missas e na austeridade com que administrava os Sacramentos, mas não a tinha para o celibato. Em Padre João Borges, o celibato não era vivido como deveria ser. Não estava isento das às vezes invencíveis dificuldades que têm suas raízes no campo afetivo. Sentia que não tinha mais vocação para a vida celibatária. Desistindo do episcopado, porém, não desistiu do combate. Aprimorando a vida espiritual de muita gente, ele foi, até 1918, um dos maiores artífices da construção do Reino de Deus nas almas de centenas de milhares de brasileiros.

Modesto, também nunca andou atrás de amores com os seus merecimentos, que eram grandes e notáveis. Inundado pela caridade, como legítimo missionário, sua preocupação era reconduzir ao rebanho os pecadores. Nele havia esquecimento de si mesmo por amor ao próximo e queria que todos recebessem a graça da salvação. Heroicamente, persistiu alguns anos no combate. Percebeu que não poderia continuar. E assim, em 1919 saiu da Congregação da Missão para o lar, casando-se com Sílvia Bittencourt Cotrim. O casal foi morar no arraial de Babilônia, hoje cidade de Marliéria, no Vale do Rio Doce, em Minas Gerais, onde abriu um Colégio que funcionou durante três anos (1920-1922), com a denominação de “Nossa Senhora das Dores”. Em 1923, acompanhado da mulher e de três filhos, mudou-se para Itabira a convite de seu antigo amigo Trajano Procópio de Alvarenga Monteiro a fim de, no seu Ginásio Municipal Sul-Americano, lecionar francês, inglês e latim. Ali teve



como companheiro de magistério, lecionando português e geografia, Carlos Drummond de Andrade.

Vivendo o drama da apostasia, apegou-se a Nossa Senhora, em nenhum momento relaxando na vida espiritual ou deixando-se conduzir pela revolta. Tanto isso é verdade que, para o povo, continuava e continua sendo o Pe. João Borges Quintão. Eram poucos os anos que Deus que lhe concederia. Enfermo, em 1927 foi internado do Hospital da cidade cujo povo o havia recebido com manifestações de apreço e de caridade. Agravando-se o mal, foi visitado por antigos colegas lazaristas. Entre eles, Pe. Jerônimo de Castro, que lhe deu a absolvição dos pecados cometidos e as bênçãos da Igreja a que ele havia prestado grandes e bons serviços, deixando atrás de si uma montanha de boas obras, que marcavam a sua passagem por este mundo. No dia 23 de julho de 1927, tendo recebido os últimos sacramentos, entregou sua alma a Deus e passou a viver a verdadeira e perfeita vida espiritual junto de Jesus Cristo, de quem, pelo coração, nunca se havia distanciado, e de Nossa Senhora, de quem era devotíssimo, pois nunca havia abandonado a recitação do terço do seu Rosário. Tinha completado 56 anos. Está sepultado em Itabira. Meses antes de sua morte, aquela que teria sido a sua diocese tinha sido elevada a arquidiocese.

A vida e a morte do Padre João, como ele era chamado em Marmiéria, do Padre João Borges, como era conhecido em Itabira, do Padre Quintão, como era tratado por seus colegas e irmãos da Congregação fundada por São Vicente, fazem despertar grande respeito por sua figura de presbítero. Um amigo seu, atribui-lhe uma das mais belas páginas de Péguy, em sua Obra “Clio”. Aquela em que ele escreve: *Quando a graça não chega por estradas retas, percorre estradas tortas. Quando não chega pela direita, chega pela esquerda. Quando não chega seguindo uma linha reta, chega seguindo uma linha curva e quebrada. Quando não chega do alto, chega de baixo. Quando não chega do centro, chega da periferia. Quando não esguicha como fonte, corre como água pura.*

XII Dom Joaquim Domingues de Oliveira – segundo Bispo e primeiro Arcebispo

Este trabalho se restringe à diocese de Florianópolis, tendo seu termo na criação da arquidiocese, em 1927. Por essa razão, traçamos um



relato apenas sumário do episcopado de Dom Joaquim Domingues de Oliveira, bispo de 1914 a 1927 e arcebispo de 1927 a 1967.

Ele nasceu em Vila Nova de Gaia – Portugal – filho do Capitão Joaquim Domingues de Oliveira Beleza e D. Joaquina da Silva Mota, a 4 de dezembro de 1878. Crescido e criado em São Paulo, completou os estudos primários em escolas públicas. Os secundários, no Liceu Sagrado Coração de Jesus, dos padres salesianos, que lhe despertaram os primeiros germes da vocação. Por último, no Ginásio Paulista, onde teve como professor de Português e Francês o conhecido literato, poeta e educador, Dr. Sílvio de Almeida. Terminados os estudos secundários, fez os exames preparatórios no Curso da Faculdade de Direito de São Paulo e matriculou-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, mais para atender à vontade paterna de que a própria. E, antes de iniciar, propriamente, o curso, matriculou-se espontaneamente, em 1898, no Seminário Episcopal de São Paulo. Aí recebeu a primeira tonsura a 25 de setembro de 1899, as ordens menores a 2 de dezembro do mesmo ano, o subdiaconato a 25 de novembro de 1900 e, no dia 22 do mesmo mês e ano, o diaconato.

No dia 21 de dezembro de 1901, foi-lhe conferida a ordenação sacerdotal, com a imposição das mãos do Bispo Diocesano, D. Antônio Cândido Alvarenga. Celebrou a Primeira Missa na Capela da Beneficência Portuguesa, a 22 de dezembro, e na Igreja de Santa Cecília a sua Primeira Missa Cantada, a 10 de janeiro de 1902. Pregador foi o Pároco, Cônego Duarte Leopoldo e Silva, depois Bispo e Arcebispo. No ano seguinte à ordenação é nomeado professor no Seminário e Capelão da Capela de S. João Batista, modesto arrabalde paulistano. Em 8 de outubro de 1905, a conselho de Dom Joaquim Arcoverde Albuquerque Cavalcanti, Arcebispo do Rio de Janeiro, e de amigos, como o notável cientista Pe. Dr. João Gualberto do Amaral, dirigiu-se para Roma, para completar os estudos de Direito Canônico. Residindo na Procura de São Sulpício, congregação francesa, matricula-se na Universidade Gregoriana. Nasce ali seu amor pela língua, cultura e pensamento franceses, do que é prova sua Biblioteca. A 16 de outubro de 1907 recebe o título de “Doctor sive magister” em Direito Canônico.

Regressa para São Paulo, continuando o magistério no Seminário, e sendo ao mesmo tempo Diretor Espiritual no Colégio Arquidiocesano, dirigido pelos Irmãos Maristas, contíguo ao Seminário. Preside um Curso Catequético, auxiliado por vários elementos do laicato católico. Em



1910 é nomeado Cônego da Catedral, assumindo o cargo de Secretário do Cabido. Em 1911, Secretário do Arcebispado, tendo então deixado as funções que exercia no Seminário.

Eleição e posse como bispo de Florianópolis

No ano de 1914, no dia 26 de março, veio ao Cônego Oliveira sua nomeação para o Bispado de Florianópolis, vago havia dois anos pela transferência de D. João Becker para a Sé Arquiepiscopal de Porto Alegre. Fora eleito o Pe. João Borges Quintão, Reitor do Seminário de Curitiba, mas este, já em Roma para a Sagração, renunciara. O Côn. Oliveira contava apenas 35 anos de idade. Acompanhando Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo de São Paulo, e Dom Alberto Gonçalves, Bispo de Ribeirão Preto, que se dirigiam a Roma, em visita ad limina, partiu rumo à Cidade Eterna, a Roma dos Apóstolos, o melhor lugar para se tornar sucessor dos Apóstolos.

A 31 de maio de 1914, Domingo de Pentecostes, na capela do Pontifício Colégio Pio Latino-Americano, que ao mesmo tempo servia de Colégio Brasileiro, recebeu das mãos do Cardeal Basílio Pompili, Vigário Geral do Santo Padre Pio X, assistido pelos já mencionados D. Duarte e D. Alberto, como consagrantes, a plenitude do sacerdócio. Em Roma mesmo, através de correspondência, entra em contato com Mons. Francisco Topp, Governador do Bispado, sobre a data de sua posse. É-lhe sugerido – e aceita – o dia 7 de setembro.

Depois de curta demora em Roma e na Abadia de Montecassino, regressou a São Paulo, donde, aos 3 de setembro do mesmo ano - o mesmo dia em que foi eleito ao Sumo Pontificado o Papa Bento XV - embarcava no “Órion”, para assumir o governo de sua Diocese, o que se verificou a 7 de setembro. Assumiu como 2º Bispo de Florianópolis.

No dia da Independência, às 7 e meia, o “Órion” lança ferros. Às 11h o vapor “Richard Paul”, cheio de autoridades, e o rebocador “Florianópolis”, foram até o “Orion”, receber oficialmente o Sr. Bispo. Após o desembarque, o Sr. Governador Major João Pinto o saúda. Presentes as maiores autoridades estaduais, municipais, federais, deputados, magistrados, oficiais-de-terra-e-mar, representantes de todas as corporações religiosas, pias, educacionais. A multidão constituía uma massa enorme que vinha do trapiche municipal, espalhava-se pelo cais e enchia todo o Jardim e Praça XV de Novembro. No dia seguinte, longa e solene



procissão. Na entrada da Catedral ofereceu-se-lhe o Crucifixo a beijar, água benta e incenso. Entrada ao som do “Ecce Sacerdos”, realizando-se em seguida solene “Te Deum”, com sermão do Pe. Libório e leitura das Bulas Pontifícias.

No dia 10, acompanhado de Mons. Francisco Topp, D. Joaquim visitou o Sr. Governador, agradecendo a recepção e acolhida. O Sr. Governador reiterou a S. Exa. os seus desejos de que S. Exa. goze, neste Estado, de ininterruptas felicidades, e os votos que fazia para que as mais intensas relações de cordialidade perdurassem entre os representantes supremos do Estado e da Diocese. Nos dias subseqüentes o Sr. Bispo visitou os quartéis da Guarnição Federal, a Superintendência Municipal, havendo ainda, no dia 14, um brilhante Festival no Colégio Coração de Jesus.

Visitas pastorais

No mesmo ano de 1914 empreendeu Dom Joaquim a primeira Visita Pastoral, percorrendo as Paróquias da Ilha; e, no Continente, as de S. José, Santo Amaro e Teresópolis. A 1º de janeiro de 1915 foi para o Rio de Janeiro para tomar parte na Conferência do Episcopado do Brasil Meridional, da qual resultou a Pastoral Coletiva. Nesse ano e nos subseqüentes sucederam-se as Visitas Pastorais, que eram freqüentes e demoradas, visto como todo o Estado, até janeiro de 1927, constituía uma só Diocese. Finalidade da Visita Pastoral era “conhecer as ovelhas, dar-lhes o pão da palavra referta de doutrina e bons exemplos”. Não delimitava o tempo, que este seria o indispensável para que se cumprissem os fins especiais e particulares a que se propunha: “conservar a pureza e a ortodoxia da doutrina católica, extirpando as heresias, que a corrompem; conservar os bons costumes, corrigir os maus; estimular os fiéis à religião, à paz, à inocência, por meio de exortação e conselhos, estabelecer o mais que o lugar, o tempo e a ocasião permitirem para proveito dos fiéis, segundo o julgar a prudência dos Visitadores”.

Deslocou-se com todos os meios da época: a cavalo, de carroça, de automóvel, e, enfim, de avião, pela primeira vez em 1952, quando voa, a 27 de novembro, de Florianópolis a Tubarão, para a Visita Pastoral que se estendeu até 23 de dezembro. No regresso, era recebido pelas autoridades do Estado. Habitualmente celebrava cedinho, assistindo depois a missa das 8h, onde pregava e distribuía a comunhão. Para essa missa solene pedia-se o comparecimento dos institutos e associações religiosas



da Paróquia. À tarde, visitas canônicas às associações: revistas a livros e documentos, paramentos e alfaias.

A crisma dos adultos, preferivelmente de manhã, para poderem comungar. Quanto às crianças: “no colo dos pais, e não dos padrinhos, para evitar berreiros. É prático que se faça por turmas, conservando para cada turma as portas fechadas, esperando os fiéis a sua vez, tanto para entrar como para sair. Para se ter uma idéia do movimento da Visita Pastoral, apresentamos alguns dados da primeira, que se prolongou de 15-11-1914 a 31-5-1917: 208 lugares visitados, 349 dias de visita, 34.028 confissões, 30.550 comunhões, 43.520 crismas, 1.213 batismos, 281 casamentos e 256 sermões!

Criação de Paróquias

Podemos citar as seguintes, ainda nos limites da Diocese (1914-1927): – Coração de Maria – Florianópolis – 12.04.1915; – Coração de Jesus – Joinville – 21.12.1916; – Santíssimo Sacramento – Campo Alegre – 1920; – Nossa Senhora da Conceição – Angelina – 8.04.1921; – Senhor Bom Jesus de Nazaré – Palhoça – 3.05.1921; – Nossa Senhora da Consolata – Rio do Oeste – 1923; – São Pedro Canísio – Itapiranga – 1925; – São José – Corupá – 1927; – S. João Batista – Rio do Sul – 1927.

Escolas e Catequese

Foi grande seu interesse e abnegada dedicação à causa da Instrução e Educação.”Um povo analfabeto é um povo incapaz de crer lucidamente”. “Não há elogios bastantes para o Vigário que, nas horas que lhe sobram do seu ministério afanoso, se consagra de corpo e alma à formação da juventude cristã.” O Segundo Sínodo Diocesano de Florianópolis, por ele convocado em fevereiro de 1919, coloca a difusão das Escolas Católicas como o meio mais eficaz, após a pregação da Palavra Divina, para contrabalançar as funestas conseqüências da neutralidade do ensino. Considera necessidade inadiável todas as Paróquias possuírem suas escolas primárias católicas. “Uma Paróquia bem organizada não pode existir sem uma escola católica.” Já em 1915, a expensas próprias e auxiliado eficazmente pelo benemérito e dedicadíssimo educador Pe. Luiz Schurler SJ, dava início à Escola, depois transformada no Grupo Escolar Arquidiocesano São José. Além desse Grupo, foi em 1929 criada a Escola Santa Catarina; e, no mesmo ano, no bairro da Pedra Grande,



a de São Luiz, depois transformada no Grupo Escolar Arquidiocesano Padre Anchieta. Foram numerosas as Escolas Paroquiais e Colégios de religiosos e religiosas, todos com seu apoio e incentivo.

Veja-se o quadro demonstrativo dos dados referentes somente ao ano de 1921, não mais a época de ouro das Escolas Paroquiais: na Diocese, 72 Escolas Paroquiais, com um total de 6.571 alunos (3.337 meninos e 3.234 meninas)! A Catequese foi vivamente incentivada e exigida, quer obedecendo às orientações da Pastoral Coletiva (1915), quer a regulamentos peculiares da Diocese, depois Arquidiocese. Em 7 de março de 1936, D. Joaquim cria o Departamento catequético Metropolitano, num amplo projeto de catequização do povo, destinado principalmente à formação de catequistas. Visava à reunião de “círculos catequéticos”, sobre pedagogia catequética, realização anual de “cursos especiais de lições de religião”, para a formação religiosa dos catequistas, além da nomeação de Sacerdotes Visitadores, para a supervisão do ensino catequético.

O Seminário Menor de Azambuja

A primeira experiência de fundação de seminário diocesano aconteceu antes da criação da diocese. Foi iniciativa dos Pes. Frederico Tombrock e João Batista Kloecker, em São Ludgero, em 1907. No ano seguinte foram para o Rio Grande do Sul e quatro deles se ordenaram presbíteros: os padres Huberto Rohden, Nicolau Gesing, Bernardo Fächter e José Locks. Dificuldades financeiras não permitiram continuar a obra. Dom Joaquim, em 1915, na primeira visita a Azambuja, troca este diálogo com o Pe. Gabriel Lux, Fabriqueiro-Administrador da Santa Casa, diálogo narrado por ele mesmo³²:

*– Impressão – respondi – excelente; – embora – se pudesse ser franco, parecia-me estar faltando alguma coisa... – Faltando alguma coisa?
- Sim, caro Pe. Lux, faltando, no frontispício, uma inscrição ou letreiro com as palavras: “Seminário Diocesano”.*

Mas as Visitas Pastorais impediram-no de concretizar a idéia. Em 1919, a 10 de março, o Pe. Frederico Tombrock, auxiliado pelo Pe. José Sundrup e mais tarde pelo Pe. Huberto Ohters, abriu um Pré-Seminário em São Ludgero, no Colégio Sant’Ana. Sete meninos – *sieben Zoglin-*

³² BESEN, José Artulino. *Dom Joaquim Domingues de Oliveira*. Coleção Cultura Catarinense. Edição do Governo do Estado de SC, 1979, p. 24.



gen, como reza a Crônica do Colégio - são os pioneiros. Continuariam os estudos em São Leopoldo. Quatro são ordenados sacerdotes: mas, em 1921 cessam as notícias sobre esta obra pioneira. Em 1925 se fala novamente sobre o assunto. Mas o Seminário começa mesmo em Florianópolis, anunciada a criação a 11 de fevereiro de 1927. Primeiro Reitor, o Pe. Jaime de Barros Câmara, Cura da Catedral. Devido à exigüidade de espaço e dificuldades de manutenção, D. Joaquim, por decreto, transfere-o para Azambuja, em Brusque, onde funcionaria no mesmo edifício do Hospital.

Congressos, Sínodos, Catedral e Palácio

Para traçar os rumos da pastoral realizou Dom Joaquim três Sínodos Diocesanos: as resoluções finais demonstram as minúcias de sua solicitude pastoral. E cumpria depois o estabelecido. Requer um estudo à parte, a evolução que cada Sínodo representa no desenvolvimento pastoral da Arquidiocese. Imponentes foram os dois Congressos Eucarísticos Estaduais, o primeiro de 28 a 31 de maio de 1939, por ocasião dos 25 anos de Episcopado, e o segundo, de 17 a 21 de dezembro de 1958, pelos 50 anos da diocese.

Nas comemorações do centenário da Independência, presidiu a um Congresso Católico, de 25 a 26 de novembro de 1922.

Lembre-se a grande reforma da Catedral Metropolitana, a partir de 1922, dotada de magnífico carrilhão de sinos e de um órgão de tubos, custeado pessoalmente pelo Sr. Bispo. Após o incêndio da Residência Episcopal, ocorrido às 12 horas do dia 24 de junho de 1923, iniciou a construção de uma nova, a atual, em estilo italiano. Do incêndio salvaram-se móveis, alfaias, imagens, biblioteca e tipografia. Tinha sido presente do Governo do Estado, e fora construído em 1879. O novo Palácio tem planta de Augusto Huebel. Construtor foi Theodoro Gruendel. Com o nome de “Palácio Conceição”, foi inaugurado solenemente a 4 de dezembro de 1924. Também aqui Dom Joaquim custeou quase totalmente as despesas. Não totalmente, porque o outro tinha um seguro de 50 contos.

Dom Joaquim marcou indelevelmente a Igreja catarinense no sentido de uma Igreja obediente, cerrando fileiras ao redor do bispo e do papa, disciplinada e digna de respeito frente à sociedade. Seu longo episcopado, de 1914 a 1967, atravessa os grandes acontecimentos sociais, políticos e religiosos do século XX. Deus o chamou em 18 de maio de



1967. Está sepultado na Catedral, que tanto amou e engrandeceu com sua presença de Bispo católico. Seu Testamento, exarado no Hospital de Caridade de Florianópolis na véspera de uma intervenção cirúrgica, constitui um belo retrato de sua vida, motivo pelo qual o transcrevemos, encerrando essas páginas sobre a Diocese de Florianópolis.

Testamento de Dom Joaquim Domingues de Oliveira

“Em nome da Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo.

Devendo submeter-me amanhã a delicada intervenção cirúrgica; confiado na reconhecida competência e dedicação dos abalizados cirurgiões, mas entregue incondicionalmente ao supremo querer de Deus, resolvi lavrar o presente termo, a que dou força de ato de última vontade, constante das seguintes declarações de determinações:

1 – Bispo da santa Igreja católica, faço a mais explícita e espontânea profissão de fé, crendo tudo quanto ensina e ensinou a Igreja católica, contido explícita ou implicitamente na Sagrada Escritura e confirmado pela Tradição.

2 – Cidadão brasileiro ex vi da Constituição de 1891, e confirmado por Decreto Declaratório de outubro de 1957, auguro os progressos de minha Pátria, cujas autoridades e cujas leis, como era meu dever, sempre inculquei ao respeito dos fiéis.

3 – Peço a Deus perdão dos meus pecados, deficiências e imperfeições com que me desempenhei dos meus deveres.

4 – Peço igualmente perdão a todos quantos tenha magoado, ofendido ou escandalizado, e o peço pelas entranhas de Jesus Cristo, que, para nosso exemplo, morreu divinamente exorando e perdoando.

5 – Não tenho termos para agradecer à Igreja católica, as várias e preciosas distinções com que me distinguiu, apesar de minha insuficiência e indignidade.

6 – Declaro que tudo quanto existe no paço arquiépiscopal, à rua Esteves Júnior, por minha morte fica pertencendo, como até o presente, à Mitra Metropolitana, salvo um ou outro objeto de menor valor.

7 – Enfim, tudo quanto estiver em meu nome, inclusive a renda de venda do automóvel que recebi de presente, fica atribuída à referida Mitra, que poderá reservar uma parte para aplicar entre os pobres, outra para a celebração de missas em sufrágio da minha alma.



8 – *Por último, levantamos confiantemente os nossos olhos para Deus – Deus que declarou pelo profeta que “não será punido o que a Ele se recomenda”; e pelo que, humilde e confiantemente repetimos: “In te, Domine, speravi, non confundar in aeternum!”*

Hospital de Caridade, aos 30 de dezembro de 1966.

† *Dom Joaquim Domingues de Oliveira.*

Conclusão

A 17 de janeiro de 1927, a diocese de Florianópolis foi elevada a arquidiocese, deixando de ser sufragânea de Porto Alegre. Criavam-se as Dioceses de Lages e Joinville. Com esse desmembramento, o território do antigo Bispado ficou reduzido a 20.514 Km². Neste ano de seu Centenário, 2008, a arquidiocese tem a superfície de 7.862,1 km², com densidade demográfica de 173,91 hab/km².

Em 1908 era uma Igreja diocesana. Agora são 10: Florianópolis (1908), Joinville (1927), Lages (1927), Tubarão (1954), Chapecó (1958), Caçador (1968), Rio do Sul (1968), Joaçaba (1975), Criciúma (1998) e Blumenau (2000).

Nas festividades alusivas aos 75 anos da diocese, em 1982, o lema escolhido foi: *A semente cresceu na unidade*. Essa unidade hoje se manifesta tanto na caridade apostólica como, em nível organizacional, na caridade pastoral conduzida e motivada pelo Regional Sul IV da CNBB, criado em 1970.

Endereço do Autor.

E-mail: jabesen@terra.com.br